

UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da FAUESP

v.4 n.9 setembro de 2022

e-ISSN 2675-1186



UNIFICADA

**REVISTA MULTIDISCIPLINAR DA
FACULDADE UNIFICADA DO
ESTADO DE SÃO PAULO**

v.4 n.9 - 01 de setembro de 2022

e-ISSN: 2675-1186

Bibliotecário: Mário Fernandes da Silva Marques (CRB-8/10442)

R454

Revista Multidisciplinar da Faculdade Unificada do Estado de São Paulo / FAUESP, FCT Editora, v.4, n.9, Setembro. - São Paulo: FCT Editora, 2022.

Mensal
e-ISSN 2675-7850

1. Educação 2. Ensino 3. Pedagogia 4. Professores. 5. Pesquisa. 6. Gestão.

I. Título

CDD: 370
CDU: 37



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da FAUESP
Setembro, v.4, n.9 (2022)
Bibliotecário: Mário Fernandes da Silva
Marques (CRB-8/10442)
e-ISSN: 2675-1186
Editoração: FCT Editora
Supervisão: Fernando Curti
Revisada em: 10 de set de 2022

DIREÇÃO

DIREÇÃO ACADÊMICA

Prof.^a MSc Claudineia Lopes
DIREÇÃO FINANCEIRA
Prof.^a Esp.^a Sylvia Storniollo
COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA
Prof.^a Msc. Sônia Q. dos Santos e Santos

CONSELHO EDITORIAL

EDITORA-CHEFE

Prof.^a Msc. Sônia Q. dos Santos e Santos
Prof.^a MSc Claudineia Lopes (FAUESP)
Prof.^a Esp.^a Sylvia Storniollo (FAUESP)
Prof. Dr. Marcos Rogério Costa (FAUESP)
Prof. Dr. Gladson Cunha (Fabra/PUC-Rio)
Prof. MSc. José Ivanildo (FAUESP)
Prof. MSc. Marcos Roberto dos Santos
(FAUESP)

SUMÁRIO

Música e a alfabetização.....	5
<i>Angela Gomes</i>	
Inclusão de alunos com de iciência visual no ensino regular: processo histórico.....	12
<i>Gislaine Landim da Silva</i>	
Contribuições da neuropsicopedagogia no processo de alfabetização e letramento.....	22
<i>Iara Ferreira da Silva Cardoso</i>	
Museu da imigração: elemento histórico do Estado de São Paulo.....	28
<i>Maria Valéria Giusti Malavasi Molinari</i>	
Desafios da arte para prática pedagógica.....	35
<i>Nadia Sinani de Oliveira Lima</i>	
Metodologia de ensino de língua estrangeira para a docência do ensino superior.....	39
<i>Natália Ribas Costa Campos</i>	
Recursos tecnológicos aplicado a prática pedagógica	46
<i>Josilia Silva de Jesus Soares</i>	



EDITORIAL

A divulgação científica é o meio de popularizar o conhecimento produzido nas faculdades e universidades mundo a fora. É também uma forma de interação entre os espaços acadêmicos, muitas vezes, percebidos como espaços elitizados e distantes da realidade pública.

Pensando nessas duas situações é que nós, da FAUESP, estamos apresentando a sociedade brasileira a Revista UNIFICADA, um periódico acadêmico de circulação semestral voltado para a divulgação ensaios, relatórios de pesquisas e artigos científicos num viés multidisciplinar.

Sendo o nosso objetivo divulgar, tornando público o conhecimento produzido por diversos meios e em diferentes perspectivas científicas, nesta edição, apresentamos sete artigos que englobam as áreas da Educação, Literatura e Direito.

Nós da FAUESP entendemos que a educação não é apenas um meio de desenvolvimento pessoal, porém, que educar vai além da formação do aluno. Educar significa agir na transformação da realidade em que nos encontramos, de modo que possamos cumprir a nossa Missão:

“Educar, produzir e disseminar o saber universal, contribuir para o desenvolvimento humano, comprometendo-se com a justiça social, a democracia e a cidadania, além de promover a educação, visando o desenvolvimento sustentável do país”.

Boa leitura! Dr. Gladson Cunha
Membro do Conselho Editorial



UNIFICADA
Revista Multidisciplinar da Fapesp
e-ISSN: 2675-1186

MÚSICA E A ALFABETIZAÇÃO

MUSIC AND LITERACY

Angela Gomes

RESUMO

Entendemos que o processo de alfabetização se dá antes mesmo de chegarmos na escola, pois vivemos em um mundo letrado e o contato acontece ainda nos primeiros dias de vida, assim que nascemos começamos a observar tudo a nossa volta e essas observações nos cria repertório para futuras aprendizagens, mas o que podemos oferecer enquanto profissionais da educação e alfabetizadores para que esse momento tão complexo e importante se torne tranquilo e agradável, que ferramentas de trabalho podemos utilizar nesse momento, dentro dessa complexidade que é o ato de aprender a ler, escrever e entender, podemos sim e usamos a música como elemento facilitador desse momento. Também precisamos entender que para essa nova característica da educação o professor precisa entender que as aprendizagens acontecem com as trocas e que não existe o que sabe mais ou menos, mas sim existe saberes diferentes.
Palavras Chaves: Musica; Alfabetização; Aprendizado.

ABSTRACT

We understand that the literacy process takes place even before we arrive at school, because we live in a literate world and contact happens in the first days of life, as soon as we are born we start to observe everything around us and these observations create a repertoire for future learning, but what can we offer as education professionals and literacy teachers so that this complex and important moment becomes peaceful and pleasant, what work tools can we use at this moment, within this complexity that is the act of learning to read, write and understand, yes we can and we use music as a facilitating element of this moment. We also need to understand that for this new characteristic of education, the teacher needs to understand that learning takes place through exchanges and that there is no such thing as more or less, but different knowledge.
Keywords: Music; Literacy; Apprenticeship.

INTRODUÇÃO

Para compreendermos melhor essa temática, é de fundamental importância que entendamos um pouco sobre o processo de alfabetização. Um aspecto importante nesse processo é que a criança passa por etapas para a construção de seu conhecimento sobre a escrita e leitura, independente da camada social em que pertencem.

Segundo Emilia Ferreiro e Ana Taberosky (1990), essas etapas são iguais, que podem variar de acordo com a idade da criança, porém nunca por sua condição social. As crianças que crescem em ambiente onde a língua escrita existe, onde se lê e escreve como parte da vida diária, onde são estimuladas a manusear livros, escrever e desenhar, essas crianças adquirem muitas informações sobre a língua escrita e geralmente fazem por conta própria da alfabetização.

Entre os três e quatro anos, a maioria das crianças possui uma competência oral. Seu domínio da linguagem oral permite-lhe compreender o conteúdo dos textos de uso social, como os avisos, cartazes, receitas, contos etc. Também são capazes de reproduzi-los:

Se apenas pararmos para pensar na surpreendente rapidez com que uma criança aprende esta técnica, extremamente complexa, que tem milhares de anos de cultura atrás de si, ficara evidente que isso só pode acontecer, porque os primeiros anos de seu desenvolvimento, antes de atingir a idade escolar, a criança aprendeu e assimilou certo número de técnicas que prepara o caminho para a escrita (REGO, 1992, p.143)

Portanto, é inegável o quanto a criança já sabe sobre o que é ler e escrever, antes da escola. Mas acreditamos que apenas isso não basta.

Porém é do conhecimento de todos que nem todas as crianças dispõem das mesmas ideias sobre leitura e escrita, porque nem todas vivenciam experiências com a linguagem escrita antes da escola. Em muitos lares não se leem jornais, livros e revista, não se escreve. Portanto, não permitem a essas crianças nenhum tipo de contato com a linguagem escrita e leitura.

Para o acesso ao uso do sistema alfabético no nosso idioma, a criança necessita de ajuda. Muitos conceitos devem ser revisados, esclarecidos e superados. A cultura escrita requer mais informações de que temos em nossas casas.

Algumas crianças antes de estudarem como a escrita funciona, estabelecem muitas hipóteses, que marcam seu processo da construção da escrita.

Segundo Emilia Ferreiro e Ana Teberosk, (1999, p.189), “a criança durante o período de contato com os sinais gráficos, vai evoluindo gradativamente.”

PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Após contato com o mundo letrado, com início da vida escolar da criança começa a ampliação de conhecimento, evoluindo gradativamente e com auxílio de pares essa evolução do processo de alfabetização são divididos em quatro etapas. Sendo elas:

Na primeira etapa o educando não demonstra preocupação em diferenciar critérios para suas produções, que se constroem a partir de traços idênticos, garatujas ou grafismos primitivos.

Não percebe a quantidade de letras, utilizadas para representar o que se quer escrever. Portanto, a criança utiliza uma palavra escrita para representar um objeto graficamente.

Acreditamos que a música neste momento é importante, pois proporciona ao educando o desenvolvimento da linguagem, da fala. O educando começa a perceber as palavras, os gestos desenvolvem a coordenação motora que é muito importante na hora da escrita, proporciona ainda interação com o grupo, desenvolve a afetividade, permitir a criança perceber as diferenças de sons, o conhecimento do corpo e também é um instrumento para trabalhar com conceitos no concreto.

Já na segunda etapa a criança faz várias tentativas para estabelecer relação entre produção oral e produção gráfica. Com essas tentativas, ela começa a relacionar o que escreve com as sílabas das palavras faladas que deseja representar. Com o seu conhecimento prévio de escrita utiliza de letras que podem ou não representar os respectivos sons, podendo ser silábico com valor sonoro, em que atribui letras que realmente fazem parte da palavra ou silábico sem valor sonoro, atribui qualquer letra para a palavra representada.

Entendemos que, com a música, a criança começa a reconhecer palavras, letras e quantidades, a música auxilia na correção da fala, promove a interação com o grupo, socialização, coordenação motora, afetividade, diferenciação de sons e palavras.

Na terceira etapa do processo de alfabetização, o aluno é capaz de perceber que existe uma representação gráfica correspondente a cada som, ele percebe a relação de grafema e fonema. A criança vai reformulando sua hipótese anterior e vai alternando sua produção entre silábico-alfabético e alfabético.

Compreendemos que a música permitir ao educando a conhecer novas palavras, perceber novos sons, proporciona um aperfeiçoamento da fala. O aluno pode questionar através da música sua própria escrita. No fim dessa etapa a criança começa a perceber o começo, meio e fim de um pequeno texto, que pode ser uma música já vivenciada em sala de aula. A música permitir também ao professor elaborar atividades de sondagem, tornando uma atividade contextualizada.

Na quarta etapa a criança com suas tentativas e reformulações estabelece sua percepção de sobre a relação da grafia e o som. Ela consegue aceitar que a sílaba é composta de letras que devem ser representadas distintamente; é capaz de perceber outras características da grafia, tais como diferenças entre letras, sílabas, palavras e frases.

Sabemos que a música facilita na criação de pequenos textos. A criança pode fazer reescrita de músicas; o professor pode elaborar diversas atividades de cruzadinhas, caça-palavras, atividades de sondagem entre outras propiciando uma aprendizagem prazerosa e significativa. A música vai continuar proporcionando interação no grupo, socialização, afetividade.

A pesquisa realizada por Emilia Ferreiro e Ana Taberosky deixa claro que este caminho não deve ser percorrido pela criança sozinha, pois se alguém não lhe disser nada sobre o sistema de escrita, dificilmente ela descobrirá como avançar em suas hipóteses.

Essas etapas demonstradas pelas pesquisadoras são consideradas etapas da construção de um conhecimento sobre um sistema, a de escrita (alfabético) através de informações que as crianças vão recebendo dos que já sabem ler.

Por isso, as interações entre crianças e adultos são importantes nessa fase da construção da escrita.

Acreditamos que professores alfabetizadores nunca devem desprezar a bagagem de conhecimentos sobre a escrita que a maioria dos educandos leva para a escola. Nenhuma criança urbana chega sem ter contato nenhum com a cultura escrita.

Vale lembrar que algumas escolas não fazem avaliações iniciais, não dando conta que algumas crianças chegam sabendo mais que as outras. Para avaliar o aluno não é necessário que se aplique uma atividade específica, mas uma atividade que permita ao professor conhecer o que a criança pode fazer.

Um aspecto relevante para se trabalhar com a alfabetização e obter bons resultados são atividades com textos reais, como aqueles que tem sentido, que justifiquem alguma necessidade surgida no dia a dia e servirem para fins de leitura, aspectos do sistema alfabético ou da ortografia, enfim, etc. Por isso, não é apenas uma questão de fazer, mas de pensar ao fazer, refletir, expressar ideias, conceitualizar, estabelecer relações entre as próprias ideias e a realidade do texto.

A música é considerada um texto real por fazer parte do cotidiano do educando e que permitir essa reflexão.

Outro aspecto importante que devemos levar em consideração quando pensarmos na música no interior da escola como um elemento que colabore para a alfabetização é que devemos pensá-la dentro de uma abordagem sócio-construtivista-interacionista. Uma abordagem que pensa no sujeito como um todo, devendo se desenvolver nos seus aspectos físicos, cognitivos e emocionais, em que a educação acontece para a vida, permitindo que o aluno possa ser um cidadão crítico, reflexivo e atuante na sociedade onde está inserido. Para isso, é de extrema importância que ele entenda com clareza as informações que lhes são oferecidas e possa questioná-las.

“(…) o exercício livre e responsável da cidadania, exige das pessoas a capacidade de pensar e a sabedoria para decidir com base em informações e conhecimentos sólidos. O cidadão é hoje considerado cada vez mais uma pessoa responsável” (ALARÇAO, 2003, pg.18).

Cabe ressaltarmos que na abordagem socioconstrutivista o professor é um facilitador, mediador, um provocador nas situações de aprendizagem, deve ainda ser reflexivo e crítico.

“Uma cabeça bem feita é capaz de transformar a informação em conhecimento e o conhecimento é capaz de situar qualquer informação para seu contexto” Por isso para formar cidadão críticos é necessário que o educador seja também um crítico. (MORIM, 2000 P. 32)

Nessa abordagem o professor não é o dono do saber e os educandos não são recipientes de informações, mas devem gerir e relaciona as informações para transformá-las em conhecimento e saber.

Devemos ainda enfatizar que a escola deve ser uma organização com um sistema aberto, pensante e reflexivo, aberto para si e para a comunidade.

Segundo Zabala (1998, p. 123), os esquemas de conhecimento se definem com as representações que as pessoas possuem sobre algum objeto de conhecimento e ao longo da vida estes esquemas são revisados e modificados, tornando complexos e adaptado à realidade do sujeito.

A natureza dos esquemas de conhecimento depende do nível de desenvolvimento e conhecimento do aluno. Para esse processo se desencadear não basta dar de frente com os conteúdos escolares; é necessário que diante desses possam atualizar seus esquemas de conhecimento, comparando com o novo, identificando semelhança, diferenças e integrá-las em seu esquema. Para Zabala, esta é considerada uma aprendizagem significativa, quando estas condições são insuficientes, a aprendizagem é superficial, considerada mecânica, e facilmente submetida ao esquecimento.

Acreditamos que as atividades devam ser contextualizadas e relacionadas com o cotidiano dos alunos, elaboradas a partir das representações dos mesmos, trabalhando com os erros e dificuldades dos educandos. Todo conhecimento prévio é levado em consideração, aprendizagem acontece na interação dos sujeitos.

Para a escola, que podemos considerá-la como arcaica, estruturada em uma abordagem tradicional, a alfabetização se dá através da exercitação e leitura mecânica, consistindo, então, em reprodução de formas e produção de sons. Porém, para a nova proposta de ensino, devemos considerar que toda criança, ao chegar ao ensino fundamental, já sabe muitas coisas sobre a escrita e leitura.

Por meio ainda dos estudos realizados, descobriu-se que o educando reinventa a escrita para fazer-se sua, apropriando-se dela, um processo de construção efetivo, com originalidade em que os adultos desconhecem, essa objetividade e subjetividade permitiram a criança realizar com respeito à escrita, a partir de várias ações específicas e reflexivas.

Segundo Emilia Ferreiro e Ana Taberovsky (1999, P. 98):

Para compreender a escrita, a criança raciocinou inteligentemente, emitiu boas hipóteses a respeito do sistema da escrita “(...) “superou conflitos, buscou regularidades, ortogrou significado constantemente”.

Compreendemos que caminho da aquisição da leitura e escrita não é feito sozinho pela criança; a intervenção da professora no momento certo, a interação com os outros alunos, as trocas nas duplas produtivas, a formulação de grupos e o ambiente alfabetizador onde se possa ter contato realmente com livros, revistas, gibis, receitas, rótulos, jornais, podendo manuseá-los e ler cada aluno de sua maneira, os cartazes e painéis feitos com a participação das crianças, enfim, um ambiente realmente pensado para propiciar inúmeras situações de interação com a língua escrita, interações mediadas por pessoas capazes de ler e escrever. Esses elementos levados em consideração permitem que o caminho da alfabetização se torne prazeroso, um aprendizado significativo e efetivo.

Por isso entendemos que valorizar as diferenças, valorizar os saberes que os alunos possuem, criar um contexto escolar favorável à aprendizagem, respeitar o avanço de cada educando é a base de um trabalho pedagógico comprometido com o sucesso das aprendizagens de todos.

As crianças são facilmente alfabetizáveis desde que descubram, através do contexto sociais funcionais, que a escrita é um objeto interessante (...) “falar que estariam ligados a definições de “fácil” ou “difícil” quem nunca levou em conta de que maneira se define o fácil ou difícil da aprendizagem: a criança. (FERREIRO, 1999, p.56).

Acreditamos que, nessa nova visão de alfabetização dentro da educação do século XXI, a música faz parte do cotidiano do educando e pode desenvolvê-lo:

- Aspectos físico: pois desenvolve a coordenação motora, os movimentos corporais, controle dos músculos etc;
- Aspectos emocionais: restaurando a ordem mental, sensibilidade, construção da identidade, afetividade etc;
- Aspectos cognitivos, pois trabalha com a experimentação desenvolve os sentidos, formulação de hipótese de escrita etc.

A música é considerada um instrumento importantíssimo no processo de aprendizagem. O professor, ao utilizar da linguagem musical, lança mão de estratégias interessantes para ensinar valores, ética e cidadania. A música pode constituir um meio rico em informações que ao mesmo tempo diverte e ensina, por meio de suas representações simbólicas.

O aprendizado da língua escrita envolve a elaboração de todo um sistema de representação simbólica da realidade (...) as diversas atividades simbólicas: gestos, desenho, e o brincar (...) contribuem no desenvolvimento da representação simbólica (onde os signos representam os significados) e conseqüentemente para o processo da aquisição da escrita (REGO, 2003, p. 69).

Acreditamos que a música aparece no ambiente escolar por proporcionar a interação do grupo, inclusive com grupos de outras salas, o conhecimento do corpo, desenvolvimento da linguagem, da fala, a música apura os sentidos dos educandos, percebendo seus sons e suas diferenças, acontece um aumento significativo no repertório das palavras. E ainda proporciona um aprendizado diferente, prazeroso, significativo, contextualizado, promovendo a interação, socialização e desenvolvendo a sensibilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que música abre ao professor e a criança um leque extenso de atividades prazerosas que visa ao desenvolvimento dos educandos. Acreditamos ainda que a música por desenvolver a afetividade possa ser um material usado na adaptação dos alunos nas escolas.

Quando começamos a entender que nossas crianças são seres pensantes que trazem conhecimento consigo, que chegam nesse espaço social cheios de conhecimentos, começamos a respeitar nossas crianças como seres pensantes e potentes, logo utilizaremos em nosso dia a dia recursos ou ferramentas que amplie esse conhecimento existente, logo o professor consegue entender que a música já faz parte do cotidiano das crianças e podem e devem ser utilizadas nas nossas de referências, proporcionando a todos aprendizagens significativas e prazerosas.

Entendemos então que estamos em busca de fazeres pedagógicos diferenciados que nos leva ao mesmo lugar mas por caminhos diferenciados, assim aprender ficou mais tranquilo e a música deixa de ser apenas uma roda de música ampliando seu potencial para novos saberes.

REFERÊNCIAS

- ALARÇÃO, Isabel. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. 2º Ed. São Paulo, Cortez 2003.
- FERREIRO, Emília, TABEROSKY, Ana. A Psicogênese da língua escrita, Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- MEC. Programa de Formação de Professores Alfabetizadores. O direito de se alfabetizar na escola. Brasília, 2001.
- PERRENOUD, Philippe, Dez Novas Competências para Ensinar, Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 2000.
- REGO, Teresa Cristina. Vygostky: uma perspectiva histórica-cultural da Educação, Petrópolis, RJ, Ed. Cortez, 1995.
- SCAPOL, Helenice Villa, Musicalização para professores de Educação Infantil, São Paulo, Àtica, 2002.
- SOARES, Magda. Alfabetização e letramento, São Paulo, Contexto, 2004.
- WAGONER, Kathy. Ao Mestre com Carinho, 365 Reflexão sobre a Arte de Ensinar, São Paulo, Publifolha, 2002.
- ZABALA, Antoni. A Prática Educativa para ensinar, Porto Alegre, Artmed, 1998.
- Brasil, Ministério de Educação e Desporto, Secretária de Educação Fundamental, Referencial Curricular de Nacional de Educação Infantil, Brasília MEC/SE, 1998.
- Revista. Nova escola, junho/julho 2004. Ed. Abril. <<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em 30 de Julho de 2022.



INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO REGULAR: PROCESSO HISTÓRICO

INCLUSION OF VISUALLY IMPAIRED STUDENTS IN REGULAR EDUCATION: HISTORICAL PROCESS

Gislaine Landim da Silva

RESUMO

O presente trabalho visa propor uma reflexão histórica acerca da sucessão de acontecimentos e movimentos que contribuíram para a construção de uma proposta de escola regular inclusiva para alunos com deficiência visual. Refletir e comparar como ocorreu o desenvolvimento, os movimentos e legislações envolvidos neste processo e como contribuiu para que chegássemos até a forma de atendimento que temos atualmente, embora ainda há muito o que ser estudado para que este seja um avanço contínuo. A análise dos fatos acima citados é parte fundamental deste trabalho para que fique cada vez mais explícito a importância de cada passo dado e cada conquista realizada ao longo dos tempos. A percepção da necessidade de se construir políticas públicas com um olhar direcionado a inclusão e de adequar práticas de ensino de educadores de escolas regulares como um dos principais instrumentos de mudança é fundamental para o aumento de resultados positivos. Dessa forma, serão abordados temas como o contexto histórico, as políticas de normatização, os movimentos favoráveis a inclusão e as mudanças necessárias no que tange ao Currículo escolar, abrangendo todos os envolvidos nesse processo. Assim, podemos concluir que a construção de uma sociedade que conta com uma educação igualitária, justa e de acesso garantido a todos ainda não é como o pretendido, mas que já avançou muito nos últimos anos tornando essa uma luta contínua para que todos tenham seus direitos garantidos. Palavras chave: Deficiência visual, ensino regular, inclusão e educação.

ABSTRACT

This work aims to propose a historical reflection on the succession of events and movements that contributed to the construction of a proposal for a regular school included for students with visual impairment. Reflect and compare how the development, the movements and legislation involved in this process took place and how it contributed for us to reach the form of care we currently have, although there is still a lot to be studied for it to be a continuous advance. The analysis of the facts mentioned above is a fundamental part of this work so that the importance of each step taken and each achievement made over time becomes more and more explicit. The perception of the need to build public policies with a view towards inclusion and adequate teaching practices in regular schools as one of the main instruments of change is fundamental for the increase of positive results. Thus, themes such as the historical context will be

included, such as standardization policies, movements in favor of inclusion and the necessary changes regarding the school curriculum, covering all processes in this process. Thus, we can conclude that the construction of a society that has egalitarian, fair education and guaranteed access to all is not yet as intended, but that it has come a long way in recent years, making this continuous struggle for everyone to have their rights guaranteed.

Keywords: Visual impairment, regular education, inclusion and education.

INTRODUÇÃO

Falar de inclusão social e escolar não é fácil, pois atualmente ainda é um paradigma educacional que prevê mudanças constantes visando melhorar as políticas públicas envolvidas no processo de normatização da proposta. O objetivo é que todos os alunos recebam uma educação digna e de qualidade. O trabalho em pauta refere-se a esse tema que tem causado diversas dúvidas, e com seu foco principal no atendimento educacional dos alunos com deficiência visual nas escolas de ensino regular. Tema esse que tem causado diversas dúvidas por parte dos educadores acerca de suas práticas pedagógicas quando se deparam com um aluno deficiente visual em suas turmas.

A educação é um processo histórico que envolve fatores sociais, políticos, econômicos e culturais da sociedade atual. No entanto, os estudos que pensam a educação para os estudantes com deficiência nem sempre foram formalizados, pois os indivíduos com alguma deficiência, na antiguidade eram tidos como pecadores e, conseqüentemente, eram rejeitados pela sociedade e, muitas vezes por suas próprias famílias. Esse cenário levou muitos anos para ser modificado, e isso contou com diversos movimentos que levaram a renovação do ensino.

A deficiência visual, tanto o indivíduo cego, quanto o de visão subnormal (baixa visão), tem um modo diferente de fazer sua analogia e construir o seu conceito de mundo. Pois, são privados do sentido que possibilita a interação com imagens que representam fenômenos da natureza e, a partir disso, construir a suas respectivas significações. Logo, para que haja inteira abstração desses conceitos o aluno deficiente visual deverá utilizar-se de imagens mentais, construídas através dos sentidos em que dispõem.

De um modo geral, para atender a todas essas necessidades diferenciadas de seus alunos com deficiência visual a escola regular deve se pautar em uma proposta de escola inclusiva, garantindo o acesso e permanência de todos os estudantes a uma educação de qualidade, conforme previsto pela Constituição Federal de 1988, em seus artigos 206 e 207 (Brasil, 1988). Assim, devem haver políticas públicas que possibilitem que as instituições educacionais se atentem às necessidades individuais dos seus educandos, fazendo suas adaptações de acordo com cada um. E isso gera a dúvida de muitos educadores em relação à sua prática em sala de aula e os componentes que ela abrange, fazendo com que surjam os desafios do dia a dia no ambiente da escola.

Talvez a causa principal que gera tantas dúvidas para os educadores, seja a falta de formação disponibilizada para os mesmos, pois concebem o fato de terem de adequar suas práticas como

um obstáculo, um desafio. Contudo, numa perspectiva de mudança, que surge na sociedade, é fundamental que compreendamos que não há como ensinar a todos da mesma forma, com os mesmos métodos e tampouco obter os mesmos resultados. É imprescindível sim que haja um planejamento sobre o que ensinar, como ensinar e quando ensinar.

POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A política de educação inclusiva provocou e ainda provoca muitas dúvidas e discussões acerca dos direitos das pessoas com necessidades especiais.

No passado, esses indivíduos eram excluídos da comunidade e, conseqüentemente das escolas regulares, pois as mesmas preparavam indivíduos disciplinados para a criação de uma força de trabalho. E os alunos com alguma deficiência eram considerados obstáculos para o desempenho e funcionamento tranquilo da sala de aula. Então eram limitados a frequentar instituições particulares ou órgãos voltados para o atendimento apenas assistencialista e segregador.

A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 4.024/61, concebe a educação como direito de todos e recomenda a integração da educação especial ao Sistema Nacional de Educação, a partir de então as pessoas com deficiência ganharam o direito de frequentar as escolas regulares, porém ainda assim o Estado disponibilizava bolsas para que os mesmos optassem pelas instituições privadas. E ainda hoje o faz, porém, em uma escala menor.

Partindo da determinação que nos é estabelecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9394/96, e sabendo-se que o conceito de “educação como direito de todos”, refere-se também aos indivíduos com necessidades especiais, ou seja, garantindo-lhes o direito de frequentar as escolas regulares, torna-se necessário que essas escolas façam as adequações e modificações que se mostrem fundamentais para receber, atender e verdadeiramente incluir todos os alunos da mesma forma.

“A inclusão pressupõe que a escola se ajuste a todas as crianças que desejam matricular-se em sua localidade, em vez de esperar que determinada criança com necessidades especiais se ajuste à escola.” (PACHECO, 2007; p. 15)

Diante de tal afirmação vale indagar acerca da função da escola ao colocar em prática a proposta de inclusão. Sabemos que não basta inserir o aluno com necessidades especiais na sala de aula regular e exigir que ele se adapte a rotina da mesma, nem tampouco que ele se enquadre em suas condições, pois se assim for, sempre haverá lacunas a serem preenchidas. Portanto, pressupõe-se que a função da escola é atender a todos os alunos da mesma maneira, porém, se atentando às necessidades individuais, ou seja, o aluno com deficiência, muitas vezes, precisa de recursos diferenciados, materiais adequados, ambiente favorável ao seu desenvolvimento e a sua aprendizagem e socialização. E, sem descartar que os demais alunos também precisam ser beneficiados e atendidos com a mesma atenção. Assim, as escolas devem se adequar visando proporcionar aos alunos oportunidades iguais de aprender e participar, para que na sociedade em que vão conviver saibam ser cidadãos capazes de pensar, de atuar e de transformar sua re-

alidade.

“Quando as escolas são excludentes o preconceito fica inserido na consciência de muitos alunos quando eles se tornam adultos, o que resulta em maior conflito social.” (STAINBACK, 1999; p. 27)

O autor, em sua abordagem, nos leva a crer que quando a escola exclui os alunos com deficiência conseqüentemente afeta os demais futuramente em sua vida adulta, pois o que a escola prepara, em sua função social, são cidadãos atuantes de uma sociedade a qual será formada pelos valores, princípios e virtudes de seus membros. Logo, se os mesmos foram educados em um ambiente excludente, o que eles irão formar é uma sociedade semelhante aos conceitos que construirão, incapaz de aceitar e respeitar. Afinal as pessoas aprendem através de sua relação com o outro e da sua interação com as diferenças, é assim que começam a respeitar a diversidade. E da mesma forma os indivíduos com deficiência, aprendem sobre si, sobre o outro e sobre o mundo, através da sua inserção e experiências.

Surge então, na Espanha, em 1994, a Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, promovida pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). E desse evento resulta a elaboração da “Declaração de Salamanca”, que preconizou o ensino inclusivo e a necessidade de os “sujeitos especiais” serem aceitos nas escolas regulares. Com isso, configura-se o rompimento de uma tradição seletiva e excludente.

No entanto, mesmo com ampla necessidade de seguir-se as expectativas acima, lamentavelmente a inclusão continuava – e continua ainda hoje – a ser interpretada como uma perspectiva desafiadora, por isso eram poucos os alunos com deficiência matriculados nas escolas regulares, pois, muitos ainda estavam nas instituições privadas e outros ainda fora da escola, o que isolando-os da convivência em diferentes ambientes sociais e, nos quais podem interagir e desenvolverem diversas habilidades.

“Suas experiências continuamente marcadas por práticas culturais e políticas com as quais convivem no cotidiano é que vão permitir-lhes conceituar suas diferenças e construir o “eu”, o “outro” e o “nós”, como categorias distintas.” (CARVALHO, 2010; p. 16)

De acordo com o autor em sua afirmação, pode-se dizer que quando uma escola não inclui a todos alunos da mesma forma, oportunizando-os as mesmas experiências, sejam elas individuais ou em grupos, ela está privando-os das vivências que irão possibilitar-lhes o desenvolvimento, a compreensão e atuação no mundo.

DEFICIÊNCIA VISUAL: ESTATÍSTICAS E CARACTERIZAÇÃO

Segundo o Censo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), cerca de 24% da população brasileira possui alguma deficiência. Sendo desse índice 16,6 milhões de pessoas que possuem alguma deficiência visual. O censo escolar (INEP) registra

20.257 alunos com deficiência visual na educação básica do sistema educacional brasileiro. No entanto, vale relatar que apenas 1,3% da população de crianças cegas frequentam a escola regular.

A deficiência visual pode ser classificada em dois grupos: cegueira e visão subnormal (baixa visão). É importante caracterizar e detalhar cada uma para que haja melhor compreensão de suas necessidades individuais.

Sendo a deficiência visual a perda total ou parcial da visão, que pode ser congênita ou adquirida, o nível de acuidade visual é o que determina os dois grupos existentes da deficiência. A cegueira caracteriza-se pela perda total da visão ou pouquíssima capacidade de enxergar. Acuidade visual inferior a 0,05 em ambos os olhos após máxima correção óptica possível, causando até a perda da projeção da luz. A visão subnormal, ou baixa visão, é caracterizada também pela redução importante do campo visual e da sensibilidade aos contrastes e limitação de outras capacidades. Acuidade visual de 0,05 à 0,3 em ambos os olhos com a melhor correção óptica possível.

Partindo do pressuposto de que grande, ou maior, parte da população possui alguma deficiência visual e que essas pessoas passaram ou ainda vão passar por sua vida escolar, proponho uma reflexão sobre como surgiu a educação inclusiva para deficientes visuais e como esta é feita hoje nas escolas regulares. E refiro-me aos aspectos de sua rotina, sua aprendizagem, sua relação social com os demais alunos e principalmente a atuação de professores e demais profissionais.

CONTEXTO HISTÓRICO

A preocupação com a educação de alunos com deficiência visual, no Brasil, teve início no ano de 1854 com o imperador D. Pedro II, que, inspirado em José Alvares de Azevedo, menino cego que estudara na França, acreditou na capacidade de aprendizagem e rendimento escolar dos mesmos. Assim, baixou o Decreto nº 1.428 de 12 de setembro de 1854, criando o Imperial Instituto dos Meninos Cegos e inaugurando-o em 17 de setembro do mesmo ano, o qual, alguns anos depois, passou a denominar-se Instituto Benjamin Constant e vigorou como única instituição encarregada de educação de deficientes visuais até o ano de 1926, quando foi criado o Instituto São Rafael em Belo Horizonte.

Após reestruturação dos Decretos nº 14.165 e 14.166, em 1943, o Instituto Benjamin Constant passou, mediante autorização, a ministrar aulas do antigo ginásio, o que proporcionou aos deficientes visuais o direito ao acesso ao 1º Ciclo. E só então, em 1950, por iniciativa do próprio instituto, conseguiram o acesso ao 2º Ciclo.

Contudo, no Estado de São Paulo o atendimento educacional especializado teve início em 1928 com a criação da Escola Profissional para Cegos, o que atualmente denomina-se Instituto Padre Chico. Uma Instituição dirigida pela Ordem das Irmãs de Caridade São Vicente de Paulina. E os primeiros atendimentos a alunos deficientes visuais matriculados no Sistema Estadual de Ensino aconteceu em 1946 com a criação da Fundação para o Livro do Cego, atualmente chamada Fundação Dorina Nowill.

Portanto, para atender tais demandas que estavam surgindo, em 1945 foi realizado o primeiro curso de preparação de professores para o ensino de deficientes visuais, oferecido pelo Instituto Estadual de Educação Caetano de Campos e regulamentado pelo Decreto nº 16.392 de 02/10/46. O curso visava a preparação de professores para o atendimento desses alunos.

As escolas especializadas são consideradas o marco inicial da educação especial, pois abriu caminhos para a inserção destes indivíduos na sociedade, reconheceu suas necessidades, contribuiu muito para o aperfeiçoamento de recursos e programas para o ensino de pessoas com deficiência, pois muitas vezes são elas quem orientam a escola regular, seus professores e funcionários sobre suas respectivas práticas. Contudo não é suficiente para o desenvolvimento integral do aluno e seu reconhecimento além de um mero aluno, mas como pessoa. A sua integração, seu convívio com os demais alunos da escola regular é que vai possibilitá-lo sua autorrealização, ou seja, a formação de sua personalidade.

CURRÍCULO ESCOLAR E SUAS ADAPTAÇÕES

Configura-se a partir disso a necessidade de aquisição de novos procedimentos para o trabalho com esses alunos, pois, como já foi citado, não basta simplesmente incluí-los e esperar que se adaptem à escola, é necessário que haja adaptações nela, se tratando do corpo docente, gestores e demais membros da comunidade escolar. E, entre essas adaptações, sugere-se também a adequação do currículo escolar.

Constantemente vemos nas escolas a proposta curricular tendo como base: o que, quando e como ensinar e avaliar, ou seja, seguindo uma sequência de atividades em função do repasse de informações fornecidas pelo professor e apropriadas pelo aluno. Contudo, o currículo escolar não se restringe apenas em oferecer esses princípios aos professores, mas estabelece uma relação entre teoria e prática pedagógica, ou seja, entre o que se planeja, baseando-se na teoria, e a ação, colocando em prática o que se objetiva no planejamento. Bem como afirma Carvalho (2010), “as atividades da educação escolar caracterizam-se por serem intencionais, sistemáticas e planejadas pelos educadores”.

Seguindo este raciocínio, pode-se concluir que o currículo deve servir como ponto inicial para o trabalho do educador, ou seja, como base de orientação de ações que facilitarão o processo de ensino e aprendizagem. Sem seguir uma sequência de exercícios prontos, mas considerando o previsto no planejamento e o ocorrido em sala de aula, para atender a todos os alunos de acordo com suas necessidades individuais, por isso diz-se do currículo algo que deve ser flexível. Segundo Carvalho (2010),

“Ao pensar na proposta de educação inclusiva, além de estendê-la a todos, sem exceções, cumpre lembrar que o processo educacional não se limita ao espaço escolar. Na escola ele sistematiza no projeto curricular que inspira as práticas pedagógicas com ênfase para a desenvolvida em sala de aula. (p. 103).

Tal abordagem trata-se de uma proposta curricular que, por ser inclusiva não exclui o aluno com deficiência e considera todo o espaço de aprendizagem e não o limita apenas ao ambiente escolar e à sala de aula, pois o processo de aprendizagem não é função somente da escola. É nela que as ações e metas se organizam, porém, se tratando de uma sociedade que sofre notáveis mudanças e avanços que geram diferentes estilos de vida, devem ser levados em consideração o espaço familiar e a sociedade da qual o educando faz parte. Exatamente quando surge as dúvidas dos educadores sobre sua prática e emerge a adequação do currículo visando atender a todos para não se tornar excludente.

Parafraseando Carvalho (2010), “Trata-se de mais uma estratégia para favorecer a inclusão educacional escolar de quaisquer alunos”.

Particularmente tratando-se dos alunos com necessidades especiais, as adaptações curriculares consistem em modificações, realizadas pelos educadores, que estabeleçam ações para atender peculiarmente cada um, de modo a desenvolver suas capacidades. Refere-se a busca de novas estratégias para planejar e colocar em prática a melhor forma de realizar o que se é tido como meta no currículo.

“As adaptações curriculares devem ser entendidas como um conjunto de estratégias que permitam flexibilizar os conteúdos do currículo de modo a permitir a todos estabelecer relações com o saber”. (CARVALHO, 2010, P. 114)

Em síntese, essa busca de novas estratégias não significa que deverá ser elaborado um novo currículo, nem tampouco currículos individuais, mas sim novos procedimentos e métodos de ensino para um trabalho que desenvolva, simultaneamente, a potencialidade de cada educando.

PARADIGMA DO EDUCADOR DA ESCOLA REGULAR: A INCLUSÃO DE ALUNOS DEFICIENTES VISUAIS

A esse respeito, constata-se um tema que tem gerado muita polêmica entre educadores, pois os mesmos têm dúvidas acerca de sua função em relação ao ensino de alunos com deficiência, destacando-se entre diversas a deficiência visual.

É evidente as dificuldades que os professores enfrentam ao se deparar com um aluno deficiente visual em sua sala, pois muitos desses educadores ainda não estão preparados para lidar com as diferenças por concebê-las como comparação de um e outro sujeito e caracterizar como diferente aquele que não se encaixa nos padrões e normas da sociedade. E isso pode gerar, mesmo que inconscientemente, atitudes negativas como rejeição, negação ou mesmo a superproteção.

Observa-se também que alguns professores se opõem as adaptações curriculares, dizem considerar as mesmas uma forma de excluir os alunos com necessidades especiais, mesmo frequentando a sala regular junto aos demais. A questão é que adaptar o currículo não significa diferenciar atividades, como muito se vê por aí. Não é essa a proposta que se faz. Mas sim repensar a metodologia utilizada, o que não quer dizer que alunos deficientes visuais devam fazer

atividades diferentes dos demais alunos da classe e serem rotulados incapazes, mas sim realizar, junto da classe atividades iguais, mesmo que isso exija a intervenção e uma maior orientação do educador.

Partindo do pressuposto de que o deficiente visual deve ser incluído na sociedade, a escola, em sua função social, tem por responsabilidade, além de contribuir para seu desenvolvimento integral, prepará-lo para sua atuação como cidadão capaz de dialogar e participar da sociedade em que vive. Por isso, os estímulos citados acima, devem partir da prática do professor da classe regular, pois se ele acreditar na capacidade de aprendizagem do aluno deficiente visual, proporcionar-lhe situações adversas junto aos demais alunos e respeitá-lo, ele conseguirá construir sua identidade social e sentir-se seguro em atuar na sociedade. E essa é a dificuldade que os professores encontram, saber criar adequações para obter melhores resultados e assim aceitar a necessidade de utilizar novos métodos de trabalho.

A FAMÍLIA E A ESCOLA

A participação da família no processo educacional é fator fundamental para o atendimento às necessidades específicas e o sucesso na inclusão das crianças com deficiência visual. Afinal a família é a base primordial para o desenvolvimento do ser humano, principalmente se tratando de uma criança com deficiência visual. Por isso é necessário que haja um trabalho em parceria da escola junto com a família, e que ambas possam oferecer à criança condições para seu crescimento, não apenas físico, mas social e emocional, mostrando-o que é capaz de ser feliz mesmo dentro de suas limitações.

A criança com deficiência visual, ao entrar na escola, traz consigo experiências vividas em seu contexto familiar e a escola vai trabalhar em função de desenvolver essas vivências para prepará-lo para sua vida social. Esse trabalho acontecerá em parceria com a família, nunca a escola deve atuar isoladamente, pois o professor deve tomar conhecimento da realidade vivida por seus educandos e as influências que esta causa para, então, realizar um trabalho adequado as necessidades individuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme avançamos no tempo, as pesquisas e estudos que favorecem as propostas mencionadas acima, gerando uma perspectiva otimista em relação ao desenvolvimento das práticas inclusivas pelas unidades educacionais e, principalmente um avanço na normatização de políticas públicas que favoreçam a garantia das legislações que regem o processo de inclusão no Brasil. Com tais medidas que promovem o avanço da proposta inclusiva, estamos cada vez mais próximos da tão sonhada realidade de uma sociedade isenta de preconceitos e discriminações, o que é um grande desafio para o futuro, no que tange aos profissionais da educação, as famílias e para a sociedade em geral.

Portanto, atrelado a tudo que foi apresentado nesse trabalho, o maior objetivo é o de formar cidadãos críticos capazes de falar por si mesmos, desconstruir padrões impostos pelo sistema e construir sua própria compreensão de mundo de forma a serem capazes de transformar a realidade em que vivem.

Dessa forma, esse trabalho não visa ditar regras e fórmulas corretas de se colocar em prática a proposta de inclusão, mas sim retomar o contexto histórico de acontecimentos relacionados a inclusão desde o início e contribuir para que ações inclusivas sejam cada vez mais corriqueiras no ambiente educacional, principalmente no que se refere o ensino regular e ao atendimento de alunos com deficiência visual. Além de mostrar a importância de se ter subsídios para que as escolas consigam desenvolver esse trabalho cada vez mais amplo e construtivo, cumprindo seu papel social no mundo atual.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p. Disponível em:

<https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_227_.asp> Acesso em 28/junho/2021.

Decreto nº 14.165, de 3 de Dezembro de 1943. Altera o Regimento do Instituto Benjamin Constant.

Decreto nº 14.166 de 3 de Dezembro de 1943. Estabelece medidas gerais para o regime escolar do instituto Benjamin Constant.

Decreto nº. 16.392, de 2 de Dezembro de 1946. Transforma a Escola Caetano de Campos em Instituto de Educação Caetano de Campos.

Declaração de Salamanca. Princípios, Políticas e Prática em Educação Especial e Linhas de ação sobre necessidades educativas especiais. Criação e manutenção de sistemas educacionais inclusivos. Brasília: CORDE, 1994.

Lei nº 9394/96 de 23/12/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. Brasília: Diário Oficial da União, nº 248 de 23/12/96.

Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961 /Resolução CEB 02/2001

CARVALHO, R. E. Escola Inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

PACHECO, José. Caminhos para a inclusão: um guia para o aprimoramento da equipe esco-

lar. Porto Alegre: Artmed, 2007.

STAINBACK, S. & STAINBACK, W. Inclusão: um guia para educadores. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da Fapesp

e-ISSN: 2675-1186

CONTRIBUIÇÕES DA NEUROPSICOPEDAGOGIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

CONTRIBUTIONS OF NEUROPSYCHOPEDAGOGY IN THE PROCESS OF LITERACY AND LITERACY

Iara Ferreira da Silva Cardoso

RESUMO

A importância da neuropsicopedagogia no processo de ensino e aprendizagem, sua aplicação e os benefícios que ela traz ao desenvolvimento da criança de educação infantil, desde a mais tenra infância, torna a criança mais sensível e receptiva aos sons, despertando emoções e sentimentos e influenciando a capacidade cognitiva, principalmente quando inserida na prática educativa, vários autores que já estudaram a importância da musicalização na Educação infantil e, como caráter de pesquisa, este trabalho objetiva mostrar que a música não é apenas um instrumento de diversão ou entretenimento, mas que pode ser uma importante aliada, e até mesmo atriz principal, no processo de ensino e aprendizagem.

Palavras – chaves: Aprendizagem, Alfabetização. Letramento

ABSTRACT

The importance of neuropsychopedagogy in the teaching and learning process, its application and the benefits it brings to the development of early childhood education, from the earliest childhood, makes the child more sensitive and receptive to sounds, awakening emotions and feelings and influencing the cognitive capacity, especially when inserted in educational practice, several authors who have already studied the importance of musicalization in early childhood education and, as a research character, this work aims to show that music is not only an instrument of fun or entertainment, but that it can be an important ally, and even a leading actress, in the teaching and learning process.

Keywords: Learning, Literacy. Literacy

INTRODUÇÃO

As dificuldades se acentuam pela expressão singular de cada criança, em sua forma de ser, estar e relacionar-se com o mundo, cada uma em situação de dificuldade de aprendizagem requer um olhar e uma atenção mais apurada, que valorize e respeite seu tempo de aprendizagem, como sujeito sociocultural e determinado pelo contexto em que vive, dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares, compreendidas em dois grupos:

- a) aquelas não vinculadas a uma causa orgânica específica;
- b) aquelas relacionadas a condições, disfunções, limitações ou deficiências;

Algumas dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais alunos, demandando a utilização de linguagens e códigos aplicáveis;

III – altas habilidades/superdotação, grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes.

Segundo Correia e Martins (2006), as dificuldades de aprendizagem podem ser explicadas por duas vias: uma focada nos aspectos orgânicos e outra nos aspectos educacionais é entendida como desordens neurológicas que interferem no desenvolvimento, como recepção, integração ou extensão da informação, caracterizando-se, em geral, por uma discrepância significativa no potencial estimado do aluno e aquilo que ele realmente consegue realizar.

Relacionada aos aspectos mais educacionais, diz respeito a uma incapacidade ou impedimento para as habilidades de leitura, de escrita, de cálculo ou aptidões e interações sociais diversas em uma concepção mais objetiva e aceita internacionalmente, é assim expresso pelos autores, as dificuldades de aprendizagem específica significa uma perturbação num ou mais dos processos psicológicos básicos envolvidos na compreensão ou utilização da linguagem falada ou escrita, que pode manifestar-se por uma aptidão imperfeita de escutar, pensar, ler, escrever, soletrar, ou fazer cálculos matemáticos.

O termo inclui condições como problemas perceptivos, lesão cerebral, disfunção cerebral mínima, dislexia e afazia de desenvolvimento, o termo não engloba as crianças que têm problemas de aprendizagem resultantes principalmente de deficiências visuais, auditivas ou motoras, de deficiência mental, de perturbação emocional ou de desvantagem ambientais, culturais ou econômicas (CORREIA e MARTINS, 2006, p. 65).

De acordo com Maluf (2011, p. 2), na pré-escola existem alguns sintomas que podem ajudar os profissionais da escola a identificarem as principais dificuldades de aprendizagem apresentadas pelas crianças. onde sintomas persistentes problemas na área da Linguagem: de articulação, aquisição lenta de vocabulário, restrito interesse em ouvir histórias, dificuldade em seguir instruções orais, soletração empobrecida, dificuldade em argumentar, problemas em re-digir e resumir, etc;

Com as transformações percebidas ao longo dos anos, como a diversidade de alunos com diferentes crenças e etnias; as mudanças culturais; os avanços tecnológicos; as mudanças na estrutura familiar, as quais podem promover ou não para um bom desempenho cognitivo, poder-se-ia perceber desde então os reflexos dessas transformações dentro do âmbito escolar, e conseqüentemente a necessidade de atualização das práticas educacionais, tanto para que a aprendizagem fosse de fato efetiva dentro das salas de aula, como para preparar estes alunos para as transformações dentro da contemporaneidade.

A psicologia foi uma das ciências que começou a contribuir para o processo educacional de aprendizagem, trazendo seu rico arcabouço teórico sobre o comportamento humano, aspectos motivacionais, emocionais, afetivos, e a importância da formação de vínculos, entre outros processos envolvidos na aprendizagem, quando a psicologia estabeleceu pontes com as neurociências, trazendo abordagens sendo diferenciadas, tanto a pedagogia, como as outras áreas envolvidas no processo educacional, percebendo a necessidade de reanalisar os processos educacionais, começaram a pensar no ser humano a partir de um olhar sistêmico.

Muitas vezes jogo e brincadeira são confundidos e embora estes termos sejam, muitas vezes, intercambiáveis, não são idênticos no significado pois relacionam-se com diferentes fases do desenvolvimento infantil, a brincadeira correspondendo a uma etapa mais primitiva e o jogo a uma etapa mais amadurecida, a importância da distinção entre jogo e brincadeira na medida que embora ambos sejam usados nos mesmos contextos os seus significados não são os mesmos.

A brincadeira está relacionada com as atividades da criança onde as únicas regras que existem são as criadas pela própria criança, são flexíveis e evidenciam a fantasia, não existindo objetivos para além da própria atividade, como foi dito anteriormente, onde o brincar com o outro, por outro lado, permite, de acordo com o autor, experimentar uma das maiores satisfações da vida: funcionar bem com os outros a medida que a criança começa a adquirir um certo amadurecimento e passa a desfrutar da relação com o outro, o companheiro, desperta o interesse pelo jogo trazendo benefícios na medida em que ensinam a controlar os impulsos e permitem, de forma segura, descarregar simbolicamente as agressões, os problemas afetivos, permitindo que a criança trabalhe psicologicamente conflitos.

Um bom professor alfabetizador possui também técnicas que dependem naturalmente de certa tendência “inata”, mas que podem ser desenvolvidas, cultivadas, desde que se saiba a importância aprendam a atingir os diversos tipos de público.

A esse respeito a autora afirma que:

A força da história é tamanha que o narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidades, a ponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra que comove e enleva. A ação se desenvolve e nós participamos dela, ficando magicamente envolvidos com os personagens, mas sem perder o senso crítico que é estimulado pelos enredos (COELHO, 1991, P 11).

Indicando as crianças o que esperar da história, ou que prestem à atenção em algo específica, numa pós-leitura depois da contação, é interessante perguntar ao grupo o que acharam dos

personagens, que descrevam o lugar onde a história acontece ou se gostaram do final.

A neuropsicopedagogia desenvolve estratégias a atenção a detalhes e a capacidade de lembrá-los, questões abertas sobre a história são boas para a discussão em sala e ajudam a criança a aprender a relacionar suas experiências particulares e a de outras pessoas decidindo sobre elementos que sejam úteis para a ampliação do seu conhecimento.

Para que o ouvinte possa sentir a história, e construir suas imagens, interagindo com o texto, o contador deve também sentir, enxergar com detalhes e cores as cenas da história, enquanto narra. Ter domínio do texto, das emoções por ele provocadas, do olhar para que os ouvintes acreditem nos acontecimentos e fatos do texto, é de fundamental importância para qualquer história, independente dos recursos utilizados pelo contador. (CAFÉ, 2000, p. 33).

O importante é trabalhar com a contação de histórias desde a educação ler, conhecer e selecionar criticamente as obras com as quais se identifique ter uma produção pessoal de sentidos para conseguir suscitar no ouvinte as emoções e imagens que lhe permitirão se também coautor e leitor do texto apresentado neste sentido programas funcionem de maneira planejada é a aceitação institucional, ou seja, diretores de escolas, coordenadores pedagógicos e professores devem estar cientes da importância de dividir a tarefa de ensino e aprendizagem, que servirá como apoio técnico e oportuno na escolha, aquisição e manuseio das obras a serem analisadas.

A educação básica em escolas públicas ocupa um lugar de relevante destaque na sociedade, pois tem a função social de preparar os indivíduos para o pleno convívio em sociedade. Além disso, deve dar acesso ao conhecimento sistematizado acumulado pela humanidade ao longo de sua existência. Outro ponto fundamental da educação formal é preparar os alunos para o mercado de trabalho, pois este, procura nas escolas mão de obra para o preenchimento de seus cargos, Segundo o artigo 205 da Constituição Federal de 1988:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Outro aspecto importante no que diz respeito à educação básica brasileira é afirmado por Libâneo (2006) que diz que a mesma está voltada à formação da personalidade do indivíduo.

Isso envolve diferentes aspectos, entre eles os relacionados aos sentimentos, ao caráter, à vontade, às convicções e aos princípios éticos e morais, a educação está voltada também à conduta nas diferentes práticas sociais dos cidadãos, além da plena compreensão da cidadania como ativa participação social e política, assim como à compreensão de como se dá o pleno exercício de direitos e deveres políticos e civis.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) completam ao afirmar que a educação capacita o aluno a adotar atitudes de solidariedade e cooperação para com o próximo, repudiando a injustiça, valorizando o respeito ao outro e exigindo o mesmo respeito para si.

Os preceitos que regem a educação básica estão explicitados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9394/96 e posteriores alterações com a lei 12.796/13:

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

- I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, organizada da seguinte forma:
- a) pré-escola;
 - b) ensino fundamental;
 - c) ensino médio;
- II - educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade;
- III - atendimento especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino;
- IV - acesso público e gratuito aos ensinos fundamental e médio para todos os que não os concluíram na idade própria (BRASIL, 1996).

O currículo escolar obrigatório também está estabelecido na LDBEN (1996) e posteriores alterações, conforme a seguir:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

§ 1º Os currículos a que se refere o caput devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil.

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos (BRASIL, 1996).

Os desafios do currículo constam de maneira mais detalhada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). O documento, elaborado em 1996 pelo Ministério da Educação e Cultura, trata-se de um referencial de qualidade para a educação fundamental brasileira de todo território nacional.

Apesar de abranger todo país, o documento respeita a diversidade cultural e social de estados e municípios brasileiros, bem como a autonomia de professores e equipes pedagógicas, devendo, portanto, tornar-se um referencial para a educação. Além disso, o documento está situado historicamente e sua validade depende de estar de acordo com a realidade social, necessitando de avaliação e revisão constantes pelos órgãos competentes (BRASIL, 1997).

De acordo com os PCN's (1997), a instituição escolar, em uma perspectiva que busque a construção da cidadania, precisa assumir a valorização da cultura da comunidade na qual está inserida e, paralelamente, deve buscar ultrapassar seus muros, propiciando aos alunos pertencentes a diferentes grupos sociais o acesso total ao saber constituído socialmente tanto da cultura nacional quanto daquela que faz parte do patrimônio universal da humanidade. Assim,

[...] o desenvolvimento de capacidades, como as de relação interpessoal, as cognitivas, as afetivas, as motoras, as éticas, as estéticas de inserção social, torna-se possível mediante o processo de construção e reconstrução de conhecimentos. (BRASIL, 1997, p. 34).

Como o objeto de estudo para este trabalho, o tema escolhido foi o ensino da Arte na Educação Infantil, a fim de compreender sua importância para os professores e para os sujeitos que

estão nesse nível escolar e suas aplicações práticas para o aprendizado e para a vida social dos alunos será feita uma abordagem mais direta do tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização e letramento é um caminho que leva a criança a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa, torna-se importante para a formação de qualquer criança o processo da neuropsicopedagogia busca através dos livros e contos infantis que a criança enfoca a importância de ouvir, contar e recontar e “escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo”.

Incentivar a formação do hábito de leitura na idade em que todos os hábitos se formam, isto é, na infância, é muito importante, neste sentido a literatura é uma peça fundamental para o desenvolvimento cognitivo e social da criança, sendo que cada criança é um ser particular, cada uma possui suas dificuldades e limitações. papel essencial na aprendizagem, cada criança possui o seu desenvolvimento, suas etapas e processos, é ela quem desempenha o papel essencial da aprendizagem, com estímulos ela realizará esta tarefa com mais facilidade, sendo importante despertarmos a curiosidade na criança para que ela mesma possa folhear os livros, ver as figuras.

É imprescindível salientar, também, que é muito importante para as crianças as situações de interação, contato e manuseio de materiais escritos para a sua evolução e aprendizagem da leitura e da escrita, assim, pode-se constatar que a Neuropsicopedagogia contribui para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, despertando a criatividade, imaginação e curiosidade de forma mais prazerosa é possível afirmar que a literatura faz-se muito importante em nossa vida, pois ela permite que possamos aprender ensinar e evoluir.

REFERÊNCIAS

CORREIA, L. M.; MARTINS, A. P. Dificuldades de aprendizagem: que são? Como entendê-las? Porto: Porto Editora, 2006.

CAFÉ, Ângela Barcellos. Dos contadores de história e das histórias dos contadores. Campinas: 2000. 102f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

COELHO, Betty. Contar histórias uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1991.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394/1996. Disponível em:

< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 23/05/2021

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF,



UNIFICADA
Revista Multidisciplinar da Fapesp
e-ISSN: 2675-1186

MUSEU DA IMIGRAÇÃO: ELEMENTO HISTÓRICO DO ESTADO DE SÃO PAULO

IMMIGRATION MUSEUM: HISTORICAL ELEMENT OF THE STATE OF SÃO PAULO

Maria Valéria Giusti Malavasi Molinari

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo analisar os principais dados históricos da criação do Museu da Imigração do Estado de São Paulo, bem como relatar sua importância na preservação da memória de imigrantes que chegaram ao Brasil por meio da Hospedaria de Imigrantes (hoje sede do Museu da Imigração), levando ao público do museu as lembranças das pessoas que vieram de terras distantes, em quais condições chegaram ao nosso país, a nova rotina de trabalho desempenhada por esses imigrantes e seu papel na formação da identidade paulista.

Palavras-chave: Museu. Histórico. Imigrantes. São Paulo.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the main historical data of the creation of the Museum of Immigration of the state of São Paulo, as well to report its importance in the preservation of the memory of immigrants who arrived in Brazil through “Hospedaria de Imigrantes” (now head office of Immigration Museum), bringing to the public of the Museum the memories of the people who came from distant lands, the conditions they arrived in our country and the new routine of work performed by these immigrants and their role in the formation of the identity of the people who were born in São Paulo.

Keywords: Museum. Historic. Immigrants. São Paulo.

INTRODUÇÃO

O Museu da Imigração do Estado de São Paulo é uma instituição pública vinculada à Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. Está localizado na Rua Visconde de Parnaíba, 1316, no tradicional bairro da Mooca, na cidade de São Paulo e tem como missão levar o conhecimento e permitir a reflexão sobre as migrações humanas, a preservação, comunicação e o patrimônio cultural das muitas nacionalidades e etnias que contribuem para a diversidade da formação social brasileira. O Museu da Imigração está sediado no edifício onde funcionou por 91 anos a Hospedaria de Imigrantes do Brás que recebia, acolhia e encaminhava para postos de trabalho imigrantes e migrantes vindos de diversas regiões do Brasil. Devido a sua importância na compreensão dos fluxos de imigração no país e no Estado de São Paulo, o edifício é considerado patrimônio histórico tombado.

O Museu oferece exposições de longa duração, temporárias, itinerantes e virtuais. Como exemplo, atualmente a de longa duração ocupa o primeiro andar do edifício, intitulada “Migrar: experiências, memórias e identidades” é dividida em oito módulos e mostra ao visitante o processo migratório como algo inerente à humanidade, passando pelos processos migratórios ocorridos no Estado de São Paulo entre os séculos XIX e XX. Em complementação a esse cenário, há a exposição da obra do artista plástico brasileiro Nuno Ramos, especialmente criada para o Museu da Imigração “É isto um homem?” onde o visitante se depara com uma carroceria de caminhão com nove metros de comprimento, carregada com cerca de 20 mil tijolos e parte deles caída no chão. Esses tijolos trazem escrito em relevo em seu centro, ao invés do nome da olaria, a palavra “tijolo” em sete idiomas, uma clara referência à torre de Babel pois a obra é inspirada em um trecho do livro de primo Levi, escritor italiano sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz. Nuno Cobra propõe abordagem ao tema da imigração através do trabalho e da diversidade de línguas, elementos constantes na vida do imigrante. Nas exposições temporárias, curtas e virtuais o Museu busca temáticas de movimentos migratórios buscando discutir suas características e personagens.

O Museu da Imigração possui um jardim com cerca de 2.900 m² e é um grande atrativo para toda região pois possui várias espécies de árvores e plantas. O espaço também disponibiliza mobiliários para a recreação dos visitantes, leitura, piqueniques. O gramado favorece aulas ao ar livre, programações culturais, dança, música e teatro. Também é possível visitar a loja do Museu que comercializa souvenirs ligados ao tema do Museu; a cantina com ambiente acolhedor e moderno com mesas com vista para o jardim; seu auditório possui 96 lugares, destinado à palestras, seminários e apresentações em geral; retratos da época – esse espaço oferece aos visitantes trajes à moda antiga e ambientação especial para fotografias; passeio de maria-fumaça com parceria a ABPF (Associação Brasileira de Preservação Ferroviária), com saída na antiga plataforma ferroviária da Hospedaria de Imigrantes do Brás, com passeio por cerca de vinte e cinco minutos. O percurso do trem visa recriar a experiência da viagem e chegada dos imigran-

tes no Brasil. Este acontece acompanhado por monitores que contam um pouco da história da locomotiva e simulam algumas práticas das antigas viagens de trem.

Com o objetivo de salvaguardar, pesquisar e difundir as histórias das migrações em São Paulo, o Museu possui um Centro de Pesquisa, Preservação e Referência (CPPR). Dentre suas principais funções estão: gestão do acervo do Museu; desenvolvimento de pesquisas, exposições e programações culturais e científicas. O Museu possui um acervo museológico eclético e possui vários objetos relacionados à Hospedaria dos imigrantes, migrantes e seus descendentes. Também possui e disponibiliza aos visitantes uma coleção de história oral e várias referências digitais relacionadas aos imigrantes que passaram pela Hospedaria.

HISTÓRICO IMIGRATÓRIO

“Imigrar é entrar em região ou país diferente do seu para aí se estabelecer.” FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira e Lexikon Informática, 1999. Versão 3.0. 1 CD-ROM.)

A imigração geralmente ocorre por motivos pessoais ou na busca de melhores condições de vida e de trabalho pelos que imigram, ou mesmo para fugir de perseguições ou discriminações por motivos religiosos ou políticos. Esse processo imigratório também pode ser incentivado por governos de países que queiram aumentar o tamanho ou a qualificação de sua população. No Brasil a imigração surgiu como solução para resolver a suposta falta de mão de obra na agricultura bem como para proporcionar o branqueamento da população brasileira com a entrada maciça de brancos europeus no país.

Em São Paulo, a imigração foi impulsionada pela crise do sistema produtivo e o fim da escravidão, combinados com a necessidade de mobilização e força de trabalho livre para a lavoura cafeeira, em franca expansão. A primeira experiência imigratória no estado ocorreu em 1840, mas somente 50 anos depois iria acontecer a entrada expressiva de imigrantes. Os imigrantes trabalharam, a princípio, como mão de obra complementar nas grandes fazendas de café e, mais tarde, no desenvolvimento da indústria.

São Paulo foi uma cidade que atraiu muitos imigrantes. Dos 4,5 milhões que chegaram ao Brasil, cerca de 3 milhões desembarcaram em Santos. Eles eram encaminhados até o Brás, onde ficavam na Hospedaria dos Imigrantes e de lá partiam para as lavouras de café no interior do estado.

Os anos de 1895, 1896 e 1897 foram os de maior movimento da história da Hospedaria de Imigrantes do Brás. Mais de 250 mil pessoas passaram por suas dependências nessa época. A hospedaria foi criada com uma capacidade para receber até três mil pessoas, mas, nesse período, atuou acima de sua capacidade. Alguns relatos afirmam que cerca de oito mil pessoas entraram na Hospedaria em um só dia. Certamente, esse grande número de pessoas demandava a organização de vários grupos, como o Estado, as Companhias de Navegação, a Administração da Hospedaria, ferrovias e dos próprios imigrantes. A própria Hospedaria precisava de funcionários em diversas áreas (intérpretes, enfermeiros, cozinheiros, escriturários, entre outros) para

conseguir responder à demanda de trabalho crescente, além de prover três refeições diárias aos imigrantes, organizar suas malas, vaciná-los, auxiliar os doentes, cuidar da higiene, gerir uma Agência Oficial de Colocação e Trabalho para emprega-los, encaminhá-los aos seus destinos junto com seus pertences e zelar por todas as ocorrências cotidianas que ocorriam em um ambiente com milhares de pessoas de diversos países, exigia da Hospedaria e de seus funcionários uma logística extremamente complexa.

No início do século XX, os italianos chegam a compor mais da metade dos estrangeiros da capital. Em menor número, chegam os japoneses, austríacos e alemães. Na década de 1920, a imigração diversifica-se: são registradas entradas de romenos, lituanos, sírios, iugoslavos, polacos, entre outros. A vida dos recém-chegados não é fácil. O acesso à terra é difícil, e o sonho de “fazer a América” parece distante.

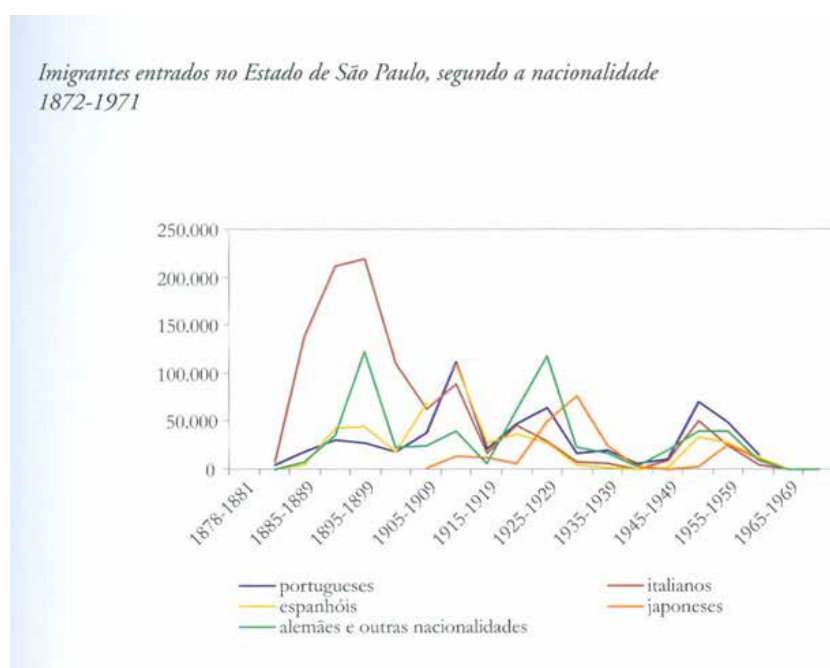


Figura 1 - Fonte: Bassanezi, Maria; Scott, Ana; Bacellar, Carlos; Truzzi, Oswaldo. Atlas da Imigração Internacional em São Paulo 1850-1850. São Paulo: Editora Unesp, 2008. p. 19.

Ao longo de 91 anos, a Hospedaria recebeu, acolheu e encaminhou os imigrantes aos seus novos empregos. Para isso, o prédio dispunha de uma Agência Oficial de Colonização e Trabalho. Além dos alojamentos, a Hospedaria possuía uma Central de serviço médico com farmácia e laboratório de análises, posto policial, serviços de correio e telégrafo, lavadeira, cozinha refeitório e assistência odontológica. Na década de 1970, perdeu sua função original e em 1978 recebeu um grupo de coreanos pouco antes de encerrar suas atividades.

Com o fechamento da Hospedaria, foi mantida no edifício a rica documentação produzida ao longo de seu funcionamento: livros de registro de entrada, fotografias, relatórios, entre outras documentações, que era de grande interesse de pesquisadores e de descendentes em busca de documentos para aquisição de cidadanias estrangeiras.

Vale ressaltar que o Museu da Imigração oferece durante todo o ano diversos eventos, cursos e programações culturais que objetivam privilegiar o desenvolvimento de todos os envolvidos no processo educativo com foco na mediação e construção coletiva de conhecimento a partir dos temas do Museu e das exposições em cartaz. Como exemplos dessas ações podemos citar: Programa Museu e Comunidades: Tem como objetivo planejar e executar projetos ações educativas com o intuito de criar relações entre o museu e as comunidades de migrantes e do entorno do museu, além de públicos com deficiências, idosos e em situação de vulnerabilidade; Programa Público Interno: Este programa tem projetos e ações voltadas para os colaboradores do Museu da Imigração, pensando na sua formação global e também no reconhecimento e valorização do patrimônio; Programa Ações Educativas: tem como objetivo a elaboração de ações educativas para o público geral do museu, especialmente as famílias; Programa Público Escolar: busca estreitar as relações com os públicos escolares através de projetos de curto e médio prazo, realizados tanto no Museu como nas escolas e territórios em seu entorno, além de oferecer visitas agendadas.

Sobre essas ações e projetos convém apontar que o Museu da Imigração se coloca atento ao desafio da acessibilidade nos aspectos físicos/estruturais, mas também quanto a democratização aos códigos culturais e a produção desses códigos, visando ampla circulação dos mesmos. Numa proposta de museu atual, não estanque, mas que busca acessibilidade, movimento e interação com o público e comunidade. Assim, este museu se mostra em concordância com a posição de Lara Filho (2012) em que o propósito ou a finalidade última dos museus está em sempre trazer benefícios às pessoas, mudanças, não se colocando apenas enquanto um local de obras de arte, um centro erudito. E ainda supera o desafio de manter a exposição e a conservação ameaçados pela própria dinâmica da produção artística e cultural que não pára na contemplação, mas sim solicita intervenção, participação e interação.

CONCLUSÕES FINAIS

“...E Jerônimo abraçei-me a aguardente de cana substituiu o vinho; a farinha de mandioca sucedeu à broa, a carne-seca e o feijão-preto ao bacalhau com batatas e cebolas cozidas; a pimenta-malagueta e a pimenta-de-cheiro invadiram vitoriosamente a sua mesa... a couve à mineira destronou a couve à portuguesa. E desde que o café encheu a casa com seu aroma quente, Jerônimo principiou a achar graça no cheiro do fumo e não tardou a fumar também com os amigos...” (Aluisio de Azevedo. “O Cortiço” (1890) Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&co_autor=2149. Acessado em 17 de dezembro de 2021. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/000003.pdf>. Acessado em 17/08/2021

Imigrantes de diversas etnias e nacionalidades aportaram no Estado de São Paulo entre meados do século XIX e o decorrer do século XX. O processo de adaptação à cidade deixou suas marcas em diversos âmbitos do viver social, o que pode ser verificado nas falas dos paulistas, nos hábitos, na produção cultural e também nos índices, estatísticas e documentação produzida pela administração pública.

Marília Bonas, diretora executiva do Museu da Imigração, em entrevista ao Portal do Governo do Estado de São Paulo em 23/08/2016, explica que “O edifício em si evoca um forte sentimento de identidade no visitante” pois parte do passado desses imigrantes está imortalizado nos objetos em exposição, no alojamento e nas antigas cartas enviadas pelos familiares para diminuir um pouco a angústia dos que aqui desembarcaram.

Hoje, a história desses antepassados pode ser repassada por mês, aos 9 mil visitantes do Museu da Imigração. Descendentes que descobrem a passagem de um antepassado através de nossos arquivos digitais são tomados de forte emoção, a qual reforça a importância de instituição de preservação” reforça Marília.

Adentrar nas dependências do Museu da Imigração é, de certa forma, reviver a segunda metade do século XIX. O local remete à preservação da memória das pessoas que chegaram ao Brasil e, indubitavelmente, ajudaram a escrever a história de São Paulo e do país.

BIBLIOGRAFIA

BIONDI, Luigi. Associativismo e militância política dos italianos em Minas Gerais na Primeira República: um olhar comparativo, 2008 - Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/31008> - Acesso em 28 de novembro de 2021.

CONFERÊNCIA NACIONAL SOBRE MIGRAÇÕES E REFÚGIO. Caderno de Propostas. Brasília: 2014. Disponível em: www.anpocs.com/index.php/papers-39-encontro/gt/gt29/9713-a-politica-de-acolhimento-aos-imigrantes-no-brasil/file - Acesso em 16 de dezembro de 2021.

DOMINGUES, Petrônio. Uma História Não Contada - Negro, Racismo e Branqueamento em São Paulo no Pós-Abolição. Editora SENAC, 2003.

História Demográfica do Município de São Paulo. Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/index.php - Acesso em 12 de janeiro 2022.

HASENBALG, C. Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil. Editoria UFMG, 2005.

IMIGRAÇÃO NO BRASIL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o_no_Brasil. Acesso em: 28 janeiro de 2022.

LARA FILHO, Durval de. O Museu no século XXI ou o museu do século XXI? Revista Fórum Permanente, vol.1, n.1, 2012. Disponível em: <http://www.forumpermanente.org/revista/edicao-0/textos/o-museu-no-seculo-xxi>. Acesso em 26 de janeiro de 2022.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. O Museu. Disponível em: www.museudaimigracao.org.br. Acesso em 20 de dezembro de 2021.

OLIVEIRA, L. L. (2001). O Brasil dos Imigrantes 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. pp. 74–74. ISBN 8571105774, 2001.

PORTAL DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em:

<https://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/nossa-gente/italianos/>. Acesso em 13 de janeiro de 2022.

TRENTO, Angelo. Do outro lado do Atlântico: Um século de imigração italiana no Brasil. Nobel, 1989.



UNIFICADA
Revista Multidisciplinar da Fapesp
e-ISSN: 2675-1186

DESAFIOS DA ARTE PARA PRÁTICA PEDAGÓGICA

ART CHALLENGES FOR PEDAGOGICAL PRACTICE

Nadia Sinani de Oliveira Lima

RESUMO

Com o objetivo principal refletir sobre a importância da arte e suas contribuições na prática Pedagógica na aprendizagem, principalmente durante a infância verificando a opinião dos professores e alunos acerca da percepção das influências do brincar. Argumenta-se que as crianças brincam cada vez menos por diversas razões familiares, sociais e econômicas foram relacionados com a falta de ludicidade, como ausência de espaços públicos propícios, falta de comprometimento e tempo dos responsáveis; medos e inseguranças da sociedade moderna são barreiras às brincadeiras, percebemos nas respostas grande preocupação dos docentes quanto à importância da ludicidade como ferramenta pedagógica.

PALAVRAS-CHAVE: Arte, Educação, Práticas Pedagógicas

ABSTRACT

With the main objective to reflect on the importance of art and its contributions in Pedagogical practice in learning, especially during childhood, verifying the opinion of teachers and students about the perception of the influences of playing. It is argued that children play less and less for various family, social and economic reasons that were related to the lack of playfulness, such as the absence of suitable public spaces, lack of commitment and time on the part of those responsible; fears and insecurities of modern society are barriers to play, we can see in the answers teachers' great concern about the importance of playfulness as a pedagogical tool.

KEYWORDS: , Art, Education, Pedagogical Practices

INTRODUÇÃO

Desde a Pré História, nossos ancestrais já desenhavam e pintavam, faziam gestos imitando bichos, enfim, utilizavam a criatividade, tão inerente aos seres humanos, para registrar seu cotidiano ou transmitir emoções e ensinamentos por toda nossa História, o homem foi capaz de produzir uma infinidade de objetos relacionados às artes plásticas, a dramaturgia, à música.

Nossas crianças, principalmente as menores, se deliciam em meio às tintas, pincéis, lápis coloridos, papéis diversos, instrumentos musicais, enfim, atividades que lhes desperte a possibilidade de expressar suas emoções e, todas as escolas possuem em sua grade curricular, o ensino de Arte, porém, na prática, seu estudo, tão importante para a formação integral dos indivíduos, é desenvolvido de forma incompleta e muitas vezes, até errônea em nossas escolas.

Visualizar perspectivas para problemas do cotidiano escolar, ampliar visões de mundo e transformar práticas pedagógicas ao deparar-me com o tema para este trabalho, tive inúmeras ideias há tempos um assunto incomoda-me: o ensino da Arte nas escolas e como o desenho é apresentado e trabalhado nas escolas.

As aulas de educação artística, onde a música está inserida não tem um papel de grande destaque no currículo escolar, uma vez que as disciplinas seguem uma regra hierárquica, as mais importantes para o desenvolvimento escolar do aluno têm um enorme destaque e são tidas como as demais necessidades para a vida escolar e social do aluno, enquanto as demais disciplinas que estão presentes no currículo são levadas em “banho-maria” nas salas de aula.

O movimento da educação pela arte surgiu no Brasil, a partir das ideias e princípios do educador Herbert Read na década de 40, que foi um dos críticos mais conceituados entre as décadas de 1930 e 1950, tanto no campo da estética quanto na pedagogia, foi um dos formuladores o movimento da educação através da arte no país .

DESENVOLVIMENTO

A experiência artística ganha um espaço definido quando realmente respeita o repertório peculiar de vivências e assume o papel de classe para estender a expressão do sujeito possibilitando seu amplo desenvolvimento, que envolvem a musicalização permitem que a criança conheça melhor a si mesma e ao próximo, desenvolvendo sua definição de esquema corporal, e também oportuniza a comunicação com o outro. Weigel (1988) e Barreto (2000) apud Garcia e Santos (2012), afirmam que atividades podem auxiliar de maneira durável como reforço no desenvolvimento socioafetivo, cognitivo/ linguístico e psicomotor da criança, da seguinte forma:

As diferentes metodologias no ensino de arte contribuíram para a concepção das novas tendências do ensino que temos para aperfeiçoar e que a busca por um ensino de qualidade que garanta de fato que o conhecimento adquirido seja transformador e ativo deve permanecer

entre educadores e responsáveis pela educação a arte e a educação são dois pontos que estão vinculados e dão significados a um processo do ensino e da aprendizagem, por meio dos sentimentos, emoções, representações das diferentes ideias e aos estímulos para o desenvolvimento infantil e de todos os indivíduos é inerente à arte e a arte se faz presente em muitas manifestações oriundas do fazer humano, ambos estão ligados desde o nascimento do indivíduo até sua visão mais crítica nos aspectos, históricos, políticos, éticos e sociais.

Em uma relação dialética entre sujeito e sociedade, visando a aprendizagem que ultrapassa a conteúdos, promovendo o autoconhecimento e o equilíbrio para vida, assim a arte tem um papel importantíssimo na vida do ser humano, partindo do pressuposto que estamos cercados de arte e somos seres humanos fazendo parte de uma sociedade cultural e histórica as diferentes experiências da vida, além de ser veículo de informação e criticidade, nos proporciona momentos que não podemos definir de outra maneira, mas que podemos nos expressar por meio da arte, sendo ela em forma de cerâmica, fotografia, desenhos, pinturas, músicas, danças e apresentações teatrais, criando o próprio fazer artístico para lidar com processos da mente e do corpo a fim de se tornar pessoas melhores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação é o alicerce fundamental para a vida em sociedade, pois é capaz de transmitir e ampliar a cultura humana; pode desenvolver e ampliar a cidadania, construir novos saberes e habilidade, preparar para o trabalho a educação vai além: ela é capaz de ampliar os limites da liberdade humana, à medida que a relação pedagógica, atualmente no Brasil.

A educação em escolas públicas ocupa um lugar de relevante destaque na sociedade, pois tem a função social de preparar os indivíduos para o pleno convívio em sociedade além disso, deve dar acesso ao conhecimento sistematizado acumulado pela humanidade ao longo de sua existência a educação formal é preparar os alunos para o mercado de trabalho, pois este, procura nas escolas mão de obra para o preenchimento de seus cargos,

Segundo o artigo 205 da Constituição Federal de 1988:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

A educação básica brasileira está voltada à formação da personalidade do indivíduo, envolve diferentes aspectos, entre eles os relacionados aos sentimentos, ao caráter, a educação está voltada também à conduta nas diferentes práticas

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996. Brasília, 1996
- Constituição da República Federativa do Brasil. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 13/05/2022.
- GARCIA, Vitor Ponchio; SANTOS, Renato dos. A importância da utilização da música na educação infantil. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, n. 169, 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd169/a-musica-na-educacao-infantil.htm>>. Acesso em: 10/04/. 2022.
- READ, Herbert. A educação pela arte. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Tradução por Valter Lellis Siqueira.
- VIGOSTKY, L. S. A formação Social da Mente, São Paulo- Martins Fontes 2000
- WEIGEL, Anna Maria Gonçalves, Brincando de música. Porto Alegre: Kuarup, 1988.



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da Fapesp

e-ISSN: 2675-1186

METODOLOGIA DE ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA A DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR

FOREIGN LANGUAGE TEACHING METHODOLOGY FOR HIGHER EDUCATION TEACHING

Natália Ribas Costa Campos

RESUMO

O estudo tem o objetivo de conhecer melhor a ciência da Sugestologia, o modo como ela foi desenvolvida e é aplicada para se compreender as possíveis vantagens e desvantagens deste método de ensino de língua estrangeira. A Suggestopedia propõe o aprendizado por meio do relaxamento mental, ambiente confortável, música e interpretação teatralizada de diálogos com ênfase na memorização do vocabulário e pronúncia. O método trabalha a programação mental e acelera o aprendizado. Trataremos também um pouco sobre a abordagem humanística como método de ensino.

ABSTRACT

The study aims to better understand the science of Suggestology, the way in which it was developed and how it is applied to understand the possible advantages and disadvantages of this method of teaching a foreign language. Suggestopedia proposes learning through mental relaxation, comfortable environment, music and theatrical interpretation of dialogues with an emphasis on memorization of vocabulary and pronunciation. The method works on mental programming and accelerates learning. We will also deal a little about the humanistic approach as a teaching method.

INTRODUÇÃO

Vários métodos são aplicados na tentativa de se ensinar de maneira mais eficiente uma língua estrangeira.

Muitos métodos são desenvolvidos por necessidade do aluno, outros tantos por imposição da sociedade ou da situação cultural e econômica.

Nos últimos anos, com o aumento do conhecimento de como funciona o cérebro e o desenvolvimento da Psicologia e da Psicanálise, métodos mais específicos foram criados, voltados para o aprendizado através do inconsciente, um desses métodos é a Sugestopedia.

A SUGESTOLOGIA

Georgi Lozanov é um especialista em psiquiatria e psicoterapia. Passou parte de sua vida pesquisando as reservas da personalidade humana. Além de seus trabalhos clínicos, conduziu extensa pesquisa teórica e experimental nas áreas da psicoterapia, psicologia e outras ligadas à pedagogia. Assim, nasceu uma ciência baseada em análises de aprendizado através da sugestão, chamada de Sugestologia. Um dos resultados derivados desta ciência foi o desenvolvimento de um método de ensino chamado Sugestopedia.

A Sugestologia é uma ciência que estuda como os aspectos sugestivos afetam nossa vida psicológica e a interação do indivíduo com o meio que o cerca. Além disso, analisa as comunicações assimiladas de forma inconsciente e subliminar e mostra como a assimilação dessas informações pode moldar a personalidade da pessoa. O foco é demonstrar de que modo as atividades mentais inconscientes, abstratas e subjetivas afetam as atividades conscientes, racionais, críticas e objetivas, mantendo um permanente diálogo entre o consciente e o inconsciente. A Sugestologia centra a suas ideias em avaliar como os aspectos subliminares estão presentes na interação do indivíduo com os outros, com os objetos e com o meio.

SUGESTOPEDIA – O MÉTODO DE ENSINO

Criada na década de 60 pelo psiquiatra e educador Georgi Lozanov, a técnica Sugestopedia, também chamada de Suggestopedia ou Desuggestopedia, baseia-se na ideia de que as informações percebidas pelos sentidos quando a mente se encontra em estado de vigília relaxada são mais facilmente registradas na memória profunda de longo prazo.

A Sugestopedia é um método que trabalha com as reservas ocultas da personalidade humana. É derivada dos estudos feitos pela ciência da Sugestologia.

Durante muito tempo as técnicas da Sugestopedia foram mal compreendidas por se pensar que o método estava ligado a hipnose, quando sua proposta, na verdade, está ligada às técnicas

de aprendizado por não imposição. Sugestopedia é a técnica da sugestão, baseia-se no conceito de que “sugestão” significa “propor e não impor”. Vale-se da premissa de que tudo que é imposto limita o livre-arbítrio e o aprendizado do ser humano.

Ao contrário do que mencionam alguns críticos do método, Lozanov enfatiza que o método da Sugestopedia não tem nenhuma ligação com a neurolinguística, Superlearning, “guided-imagery”, relaxamento, fantasias guiadas, ondas alfa ou outros métodos imitativos usados por tantas outras técnicas psicológicas, o que esse método oferece é a capacidade de aprender de uma forma que a memorização seja emotiva e eficiente.

Lozanov constatou que algumas músicas específicas têm a propriedade de facilitar a memorização de informações a um prazo longo, como se a mente abrisse as portas para esses ritmos de uma maneira que não acontece com os outros métodos de ensino. Na visão do pesquisador, a música barroca seria a mais indicada para isso, pois por possuir setenta batidas por minuto, ela atinge um ritmo mais agradável ao cérebro.

Lozanov usava a técnica de tocar a música em três etapas: primeiro para descontrair, levando o aluno a um estado de relaxamento diferente do sono. Depois, de forma dinâmica, usava músicas bem expressivas para passar as informações. E, finalmente, uma terceira música que auxiliasse na fixação da informação. Ele menciona que várias músicas podem ter essas propriedades, mas a música barroca gera um melhor resultado.

Giorgi Lozanov queria provar que em um determinado nível de relaxamento que o cérebro se encontra, torna-se mais fácil o aprendizado e que o excesso de nervosismo é impróprio para qualquer atividade de assimilação de informações, pois faz com que o cérebro opere em alta frequência, com até 30 ciclos por segundo.

Há determinados estados mentais que exercem um papel bloqueador na aprendizagem. O medo é um dos maiores problemas para o aprendizado da matemática. A tensão provocada pelo medo acelera os batimentos cardíacos e aumenta a pressão sanguínea nos vasos cerebrais, bloqueando, dessa forma, a concentração indispensável para o acompanhamento intelectual de qualquer processo lógico. Uma sessão de relaxamento antes das aulas de matemática pode aliviar esta tensão e reestabelecer a tranquilidade necessária para que o aluno enfrente o desafio de aprender.

Outra técnica utilizada além da música barroca dentro da Sugestopedia é o retorno à infância. Essa técnica consiste em valorizar a importância de redescobrir a alegria e o prazer de aprender, característicos do início da existência de qualquer pessoa, num ambiente sem tensões e sem contrariedades. Lozanov fala que não há razão para se não aprender uma língua diferentemente da forma como o faz uma criança: de forma global, interdisciplinar, na sua totalidade psicomotora, intensa e concentradamente. Por isso, propõe inúmeras atividades susceptíveis de trazerem à memória esses tempos idos da idade da inocência, sem preconceitos, nem barreiras artificiais geradas pela educação e o ensino.

A Sugestopedia tenta derrubar as barreiras que impedem as pessoas de aprender, e suas técnicas tem como objetivo eliminar três tipos de bloqueios:

- as barreiras lógicas, que se caracterizam por pensamentos pessimistas que parecem racionalizados, como por exemplo, quando alguém pensa: “Não há sentido em aprender determina-

da informação já que não vou utilizá-la”;

- as barreiras afetivas, que se traduzem muitas vezes na falta de confiança em si próprio - manifestando-se em frases do tipo: “Não tenho jeito nenhum para aprender línguas”;

- as barreiras éticas ligadas aos valores adotados pelo indivíduo e que contrastam com os dos outros: “Será que é certo aprender isso?”

Um dos experimentos de Lozanov consistia em fazer com que os alunos, a partir de uma determinada data, iniciassem todas as aulas com uma sessão de relaxamento bioenergético. Depois ele acrescentou música clássica às sessões de relaxamento, escolhendo, a princípio, algumas peças de Vivaldi e Handel; Para ele, os resultados foram muito satisfatórios: Os resultados dos testes regulares de avaliação melhoravam acentuadamente e a diferença entre as melhores notas e as piores já não era mais tão expressiva. Concluiu-se que cada um de nós tem um “estado ótimo de aprendizagem”. Isso ocorre quando o batimento cardíaco, a respiração e as ondas cerebrais estão suavemente sincronizados e o corpo está relaxado, porém a mente continua concentrada e pronta para receber novas informações. A esse “estado ótimo de aprendizagem”, Lozanov deu o nome de estado de vigília relaxada.

Lozanov constatou que músicas de aproximadamente 70 batidas por minuto, iguais as ondas cerebrais alfa, são capazes de harmonizar o corpo e a mente e que têm o poder de abrir o canal emocional para uma super memória. Diminuindo as tensões, a música cria a base para melhorar a capacidade de memorização ativando de forma bastante eficiente o hemisfério direito do cérebro.

OS ALUNOS E O PROFESSOR SUGESTOPEDA

Em seus depoimentos, os alunos demonstram ficar satisfeitos com os resultados, alegam que o método é descontraído, divertido e que deixa a pessoa livre. O professor demonstra calma e sabe fazer as aulas parecerem leves e divertidas.

Por isso, o professor sugestopeda tem um papel muito importante no aprendizado, deixando o aluno confiante e transmitindo toda a informação sem esforço, em menos tempo e com mais eficácia. Lozanov diz que o professor sugestopeda precisa ser: professor, psicólogo, animador de grupo, psicoterapeuta, ator, artista, dentre outros. O professor que se dispõe a aplicar esse método tem que ser uma pessoa regulada, não atrasar durante a aplicação da aula, ter sensibilidade, criatividade, espontaneidade, ser criador de situações, observador, participante, ator-participante, etc...

A formação de professores sugestopedas processa-se segundo o emprego de técnicas subjetivas e em oposição às técnicas objetivas que se desenvolvem numa formação clássica de professores de línguas. As técnicas subjetivas caracterizam-se pela fixação de atitudes inconscientes, de atitudes sugestivas nos professores cujo objetivo é o de proporcionar este domínio do segundo plano a que já nos referimos anteriormente.

As escolas adeptas da Sugestopedia afirmam que a utilização desses concertos permitem aprender 60% mais do conteúdo em 5% do tempo.

Segundo Lozanov, a utilização desses concertos permite que o aluno aprenda mais rápido, por isso a técnica ficou conhecida como: A Sugestopedia de Lozanov, ou Aprendizagem Acelerada.

A APLICAÇÃO DO MÉTODO SUGESTOPEDA

Os alunos de Lozanov agiam de maneira diferente ao ouvirem determinadas músicas – ativos, ouvindo Beethoven, ou relaxados, ouvindo Bach. O pesquisador concluiu, então, que essa modificação do estado receptivo poderia muito bem ajudar na aplicação de novas técnicas para levar informações até a memória profunda, desde que a mesma informação fosse transmitida duas vezes, usando esses dois estados receptivos.

Assim, Lozanov passou a dividir as aulas em três etapas diferentes, cada qual com uma proposta bem definida:

1º etapa: Utilização de uma música introdutória, juntamente com os exercícios de respiração profunda, com o propósito de relaxar os alunos e permitir que eles atingissem o “estado ótimo” para a facilitação da aprendizagem: o estado de vigília relaxada. Ele sugere ainda músicas como: The Loney Theperd de Sanphir, Watermark de Enya ou algumas trilhas de No Blue Thing de Ray Linch. Elas são recomendadas para criar uma atmosfera tranqüila, propícia para o aprendizado. É nessa atmosfera que as informações chegam com mais facilidade à mente inconsciente.

2º etapa: Utilização de um concerto ativo onde a informação a ser apresentada deveria ser lida em compasso com a música expressiva selecionada para tal fim. Sugestões: Mozart – Concerto nº7 em Ré Maior para Violino e Orquestra. Beethoven – Concerto para Violino e Orquestra em Ré Maior Op. 61, ou Concerto nº 5 em Mi Bemol Maior para Piano e Orquestra, Op. 73.

3º etapa: Utilização de um concerto passivo, onde os alunos ouviriam a mesma informação lida suavemente, com música de fundo barroca, para ajudar a “encaminhar” essa informação aos bancos de memória a longo prazo. Sugestões: Handel – Música aquática; Corelli – Concertti Grossi, Op. Nº 2, 5, 8, 9; Concertti Grossi, Op.nº 10, 11, 12; Vivaldi – Cinco Concertos para Flauta e Orquestra de Câmara.

A terceira etapa ocorre imediatamente após a segunda. E nela utiliza-se a música barroca específica e lenta. Embora a primeira leitura (2º etapa) tenha sido dramática, a segunda (3º etapa) ocorre numa entonação mais natural. Os alunos são convidados a fechar os olhos, colocam o texto de lado e deixam a imaginação flutuar.

Durante a noite, o subconsciente entra em ação, e se inicia de forma aparentemente automática a transferência das informações para o armazenamento na memória de longo prazo.

ABORDAGEM HUMANISTA

A abordagem humanista surgiu com o psicólogo Carl Rogers, que implantou uma teoria criando princípios da psicologia clínica, com a intenção de motivar seus pacientes, para que eles percebendo sua melhora procurassem investir mais em si mesmo o que os levaria a cura.

Essa abordagem trabalha em oposição ao comportamentalismo e reforça a ideia que podemos mudar nossa vida apenas através da nossa consciência. Diante dessas conclusões o homem passa a ser considerado como um ser ativo no mundo, ele surge diante do que realmente acredita e para isso usa de todas suas capacidades, e o mundo tornasse fundamental.

Na educação a abordagem humanista é focada no aluno como principal colaborador do conhecimento, onde a instituição e o professor agem como facilitadores no processo de ensino aprendizagem, criando condições para que o aluno aprenda. Na abordagem humanista o aluno é um ser ativo e participativo, sendo capaz de construir o mundo de maneira que suas percepções influenciem no desenvolvimento de sua visão de mundo.

A autodescoberta e autodeterminação fazem parte dos conceitos que o aluno utiliza para assimilar o conteúdo de seu interesse.

Fundamentando-se nos primeiros impulsos filosóficos em torno do ser humano nessa abordagem humanística se constitui nos conhecimentos prévios que o aluno traz dotado de um crescimento que se inicia de dentro para fora, sendo que o conteúdo passa a ser um instrumento utilizado em segundo plano nas relações interpessoais.

Este método consiste na formação de pessoas únicas, e críticas na sociedade, com o conceito de uma visão autêntica de si mesmo, sendo orientado para uma realidade que visa tanto o individual quanto o grupal.

O professor nessa concepção se torna um facilitador do conhecimento, tendo em vista que o conteúdo surge das próprias experiências dos alunos e as atividades se tornam um processo natural em decorrência da interação com o meio. Sendo necessário para que esse processo ocorra que o facilitador tenha um relacionamento empático, aceitação e confiança é o mais adequado a essa abordagem, de forma que o mesmo crie condições para que o aluno aprenda.

Independentemente de qual seja a metodologia utilizada nessa abordagem, se torna secundária, pois, o aluno irá aprender porque quer aprender, tem a consciência de que é interessante para o seu desenvolvimento, sendo uma escolha feita pelo próprio aluno.

Com relação a avaliação Rogers defende a autoavaliação, pois acredita que só o indivíduo pode conhecer sua própria experiência, sendo julgada pelos critérios internos do próprio organismo de forma que os critérios externos podem romper com o crescimento alcançado.

No estudo de língua inglesa utilizando a concepção humanística o aluno desenvolve seu estudo não apenas através do material didático, mas relacionando nesse processo com outros meios, até mesmo ao se relacionar com pessoas, o indivíduo não estará apenas em mudança de comportamento, mas tendo reforços a cada etapa do seu aprendizado, passando a ser um ser com autonomia, sendo capaz de decidir qual melhor caminho a seguir não estando associado a um condicionamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a Sugestopedia seja uma técnica criticada por determinados especialistas que acreditam que as aulas ainda não foram plenamente testadas com rigor científico, todos os adeptos do método ficam satisfeitos.

Talvez não seja uma técnica que possa ser experimentada pela grande maioria, mas é válido por oferecer uma alternativa para se aprender uma língua estrangeira, especialmente para as pessoas que tem dificuldades com aprendizado devido a barreiras psicológicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Site: Universo PSI <http://www.universopsi.com.br/sugestopedia.pdf>

Site: Teia Portuguesa – O Método Sugestopédico <http://www.teiaportuguesa.com/metodo-sugestopedico.htm>

Site: Projeto Saber <http://www.camarabrasileira.com/acelerada1.htm>

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti; Ensino: as Abordagens do Processo. São Paulo: EPU, 1986-2003. p. 119.

GADOTTI, Moacir; História das ideias pedagógicas.



UNIFICADA
Revista Multidisciplinar da Faeusp
e-ISSN: 2675-1186

RECURSOS TECNOLÓGICOS APLICADO A PRÁTICA PEDAGÓGICA
TECHNOLOGICAL RESOURCES APPLIED TO PEDAGOGICAL PRACTICE

Josilia Silva de Jesus Soares¹

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo apresentar a relevância do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) no processo de gestão democrática da escola, como uma possibilidade de estreitamento dos laços entre escola e comunidade. O trabalho tem um caráter propositivo apresentando, além da revisão de bibliografia existente, ideias possíveis de implementação de um projeto político pedagógico que considere as TIC's a seu favor. Para tanto, propõe que ferramentas simples de comunicação presentes no nosso dia a dia, tais como: e-mail, redes sociais e blogs, quando utilizadas na perspectiva da gestão democrática, podem facilitar a interação entre as pessoas, aproximando-as, possibilitando troca de saberes entre famílias e profissionais e a divulgação das ações realizadas na escola. A pesquisa realizada discute ainda a ideia de que melhorando a comunicação entre professores, equipe de gestão, comunidade de pais, possivelmente, teremos uma melhoria na qualidade da educação oferecida. As ferramentas estão disponíveis, o desafio não se encontra no acesso e sim na disponibilidade à inovação. Considerando que é papel da escola educar e formar novos conceitos, promover essa interação entre escola, comunidade pelas TICs e dar condições e significar essa interação de forma que as famílias e comunidade em geral percebam a importância e os resultados dessas ações, também é seu papel.

Palavras-Chave: Tecnologia; Informação; Gestão;

ABSTRACT

The main objective of this work is to present the relevance of the use of Information and Communication Technologies (ICT's) in the process of democratic management of the school,

Licenciatura em pedagogia pela Faculdade Aldeia de Carapicuíba (FALC). Professora da rede municipal de São Paulo

as a possibility of strengthening the ties between school and community. The work has a propositional character, presenting, in addition to reviewing the existing bibliography, possible ideas for the implementation of a pedagogical political project that considers ICTs in its favor. Therefore, it proposes that simple communication tools present in our daily lives, such as: e-mail, social networks and blogs, when used from the perspective of democratic management, can facilitate interaction between people, bringing them together, enabling exchange of knowledge between families and professionals and the dissemination of actions carried out at the school. The research carried out also discusses the idea that improving communication between teachers, the management team, the parent community, possibly, we will have an improvement in the quality of education offered. The tools are available. The challenge cannot be find in the access but can be find in the availability to innovate. Considering that it is the role of the school to educate and form new concepts, to promote this interaction between school and community through ICTs and to provide conditions and signify this interaction so that families and the community in general perceive the importance and results of these actions, it is also its role.

Keywords: Technology; Information; Management;

INTRODUÇÃO

Vivemos hoje em um mundo globalizado, no qual o conhecimento circunda quase que instantaneamente e em amplo volume, abreviando o artifício histórico em que os elementos de tempo e espaço contraem novos significados.

Ter acesso a estas informações não garante o conhecimento e a aprendizagem do conceito de Educação Tecnológica é necessária uma articulação entre informação e conhecimento e é na escola que isso se dá através da orientação do professor.

Recursos tecnológicos aplicados a prática pedagógica é o tema escolhido para realização da pesquisa, cujo objetivo é destacar a importância do uso das tecnologias de comunicação e informação dentro das salas de aula. Ao abordar a Educação tecnológica numa proposta, objetiva-se que está, juntamente com a Tecnologia da Informação, integrem-se ao trabalho diário com as áreas do conhecimento, favorecendo uma aprendizagem mais significativa e efetiva.

O assunto torna-se relevante, pois ao longo da história da educação brasileira, também os currículos escolares apontavam para a importância social do ensino de recursos de tecnologia podem favorecer a curiosidade, a autonomia no processo de investigação, o levantamento de hipóteses e o senso crítico, no ensino. Tal intenção é mediada pelas várias linguagens oferecidas pelas tecnologias de comunicação e informação, facilitando o conhecimento das demais culturas e facilitando a integração das áreas de conhecimento.

De acordo com Brasil (1998), “a incorporação das inovações tecnológicas só tem sentido se contribuir para a melhoria da qualidade do ensino. A simples presença das novas tecnologias na escola não é, por si só, garantia de maior qualidade na educação. É necessário pensar em propostas que atendam aos interesses e necessidades de cada região ou comunidade.

Uma característica importante para uma escola que valoriza e incentiva a gestão democráti-

ca e o uso das TICs, é a fluidez com que as informações devem circular na escola. Esta deve ser uma preocupação dos gestores que são os responsáveis em promover e viabilizar a socialização de tudo o que possa interessar ao seu grupo de trabalho.

A hipótese inicialmente considerada para responder a essa questão é que sim, conhecer as TIC's e utilizá-las como ferramentas na promoção da participação das pessoas nos processos democráticos da escola pode contribuir para que a gestão democrática da escola se efetive plenamente. É importante que o gestor conheça e compreenda as potencialidades de cada tecnologia e as contribuições que podem trazer ao seu trabalho, à rotina da escola e ao trabalho pedagógico. E entender que estas contribuições podem trazer avanços nas mudanças da escola.

Nesse sentido esse trabalho tem como objetivo apresentar a relevância do uso das TIC's no processo de gestão democrática na escola, como uma possibilidade de estreitamento dos laços entre escola e comunidade.

Optamos por pesquisa bibliográfica realizada através da internet, por meio de sites e revistas digitais voltadas para área da educação e em livros disponíveis em acervo escolar e pessoal. Lakatos e Marconi (1996, p. 183) definem: “A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo”. O acervo usufruirá de material próprio como livros, revistas, publicações, assim como todo conteúdo disponível via internet, devidamente relacionado e datado em nossas referências.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A IMPORTÂNCIA DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO

A humanidade vem se assombrando, desde o século passado, com a rapidez com que a ciência e tecnologia nos apresenta novos produtos, novas tecnologias que se desdobram em novas ideias, novas formas, novos conceitos. “Realmente parece que tudo está passando muito rápido” – ouvimos diariamente. Na verdade, sabemos que o tempo permanece o mesmo, mas as mudanças estão ocorrendo de uma forma peculiar, de forma que é necessário empenho e esforço concentrado para acompanhá-las.

A Educação Tecnológica foi muitas vezes entendida, apenas como um recurso ou estratégia. As TIC's são as tecnologias que propiciam os processos informacionais, comunicativos e de interação entre as pessoas, “baseados no uso da linguagem oral, da escrita e da síntese entre som, imagem e movimento ” (KENSKI, 2007, p.28).

Hoje após pesquisas, avaliações e estudos contínuos sobre o assunto, entende-se que a Educação Tecnológica também é um processo educativo que permite aos alunos conhecer e compreender a produção de conhecimento voltada à tecnologia; identificar e solucionar os problemas contemporâneos, e tecnologia gerados no cotidiano social, sempre refletindo sobre eles; conhecer as dimensões do fazer científico, sua relação com a tecnologia e o caráter não-neutro dessas realizações humanas.

O computador pode ser um importante recurso para promover a passagem da informação ao usuário ou facilitar seu processo de construção do conhecimento. No entanto, devemos entender que o aprender (memorização ou construção de conhecimento) não deve estar restrito ao software, mas à interação do aluno-software. Como foi mostrado por Piaget, o nível de compreensão está relacionado com o nível de interação que o aprendiz tem com o objeto e não com o objeto em si. (VALENTE, p.71, 1998).

Trabalhando adequadamente com Educação Tecnológica, o aluno passa a olhar o mundo de forma diferente, observando as várias tecnologias existentes e entendendo como facilitam a nossa vida.

O trabalho com as tecnologias não se restringe ao manuseio de máquinas e à aprendizagem de linguagens digitais, mas favorece também o desenvolvimento do espírito crítico em relação à seleção e à análise da multiplicidade de informações oferecidas pelas diferentes redes mundiais. (S.B.C, 2007, p. 13).

Os recursos audiovisuais, como televisão, vídeos, rádio, cds, fotos, que já vinham provocando mudanças na forma com que as pessoas se relacionavam com os conteúdos, foram potencializados pela linguagem digital. Esta forma de linguagem, “deixa de lado a estrutura serial e hierárquica na articulação dos conhecimentos e se abre para o estabelecimento de novas relações entre conteúdos, espaços, tempos e pessoas diferentes” (KENSKI, 2007, p.32).

Angotti (1999), afirma que os critérios de seletividades nos novos materiais são urgentes, uma vez que a grande maioria dos conhecimentos desgastados dos livros didáticos vem sendo transportados para as redes.

O objetivo do trabalho é oferecer recursos e estratégias que viabilizem a inclusão digital de alunos e educadores na realidade atual, ampliando a comunicação entre as pessoas de diferentes lugares do mundo e democratizando o acesso às informações por meio da utilização das multimídias, notadamente da rede mundial de computadores. (S.B.C, 2007, p.13).

O aluno começa a compreender que o ponto de partida para o desenvolvimento de tecnologia é uma necessidade (identificação do problema), que se transforma em um projeto por meio de estudos dos conceitos envolvidos tais como: resistências, peso, força, velocidade, custos, entre outros (conceitualização), ganhando em seguida um acabamento (solução de problema) e, por último, entrando na linha de produção distribuição e comercialização.

1.2 TECNOLOGIA ASSISTIVA

Desde o início da história o homem tem criado instrumentos para aumentar e compensar ou substituir funções, assim o uso de ferramentas e máquinas iniciou-se a partir da intenção de potencializar a função humana. Esses equipamentos podem ser chamados de Tecnologia Assistiva, e nos últimos anos esse tipo de recurso vem exercendo um importante papel na vida de pessoas com deficiência.

É necessário refletir sobre o processo educacional e como torná-lo inclusivo. Sabemos que a criança com deficiência aprende por outros meios e conforme os estímulos que recebe, e conforme as interações sociais e culturais que realiza. De acordo com Brasil (2006).

Para facilitar o trabalho com alunos com necessidades educacionais especiais - deficiência física, faz-se necessário que os profissionais que atuam em seu processo pedagógico conheçam a diversidade e a complexidade dos diferentes tipos de deficiência física. Esse conhecimento é necessário ao docente para ajudá-la a elaborar estratégias de ensino de forma a desenvolver programas pedagógicos que focalizem o potencial dos alunos e não suas limitações (BRASIL, 2006, p.10).

Existe uma crescente conscientização da importância do uso de recursos de Tecnologia Assistiva, a fim de suprir as necessidades de indivíduos com deficiência em seu cotidiano.

A Tecnologia Assistiva está em muitas coisas do nosso dia a dia. Como exemplo pode se chamar de tecnologia assistiva uma bengala, utilizada por idosos com objetivo de proporcionar conforto e segurança no momento de caminhar; um aparelho de amplificação sonora utilizado por uma pessoa com surdez moderada; ou mesmo um veículo adaptado para uma pessoa com deficiência (MANZINI, 2005, p.23).

Tecnologia Assistiva (TA) uma terminação ainda nova, empregada para identificar materiais, recursos e serviços que cooperam para adaptar ou expandir as destrezas ativas de pessoas com deficiência, idosos e, conseqüentemente, promover vida independente e inclusão. O objetivo maior da Tecnologia Assistiva é proporcionar às pessoas com deficiência, maior independência, qualidade de vida e inclusão social, através da ampliação de sua comunicação, mobilidade, controle de seu ambiente, habilidades de seu aprendizado e trabalho.

Podemos utilizar a TIC's como Tecnologias Assistivas de diferentes maneiras, sendo assim sistematizadas e classificadas das mais variadas formas, dependendo da ênfase que quer dar cada pesquisador. Segundo Santarosa,(1997, apud ITS Brasil 2008, p.28), podemos classificar as TICs em quatro áreas:

- As TIC's como sistemas auxiliares ou próteses para a comunicação;
- As TIC's empregadas para controle de ambiente;
- As TIC's como ferramentas ou ambientes de aprendizagem;
- As TIC's quão meio de entrada no mundo profissional.

De acordo com Bersch (2008), A aplicação da TA na educação vai além de simplesmente auxiliar o aluno a —fazer tarefas pretendidas. Nela, encontramos meios de o aluno —ser e atuar de forma construtiva no seu processo de desenvolvimento.

Mantoan (2005), cita a existência de documentos internacionais e nacionais que definem a tecnologia assistiva e incentivam Políticas Públicas que favoreçam o seu uso.

Na legislação brasileira o termo ajudas técnico apareceu oficialmente no Artigo 19 do Decreto Lei nº 3298, de 20 de dezembro de 1999 ao definir ajudas técnicas como: Os subsídios que admitem consolar um ou mais obstáculos funcionais, motoras, sensoriais ou mentais da pessoa portadora de deficiência, com o objetivo de permitir-lhe superar as barreiras da comunicação e da mobilidade e de possibilitar sua plena inclusão social (BRASIL, 1999).

Apesar de a legislação brasileira apontar para o direito do cidadão com deficiência a concessão dos recursos de tecnologia assistiva dos quais necessita, vivemos o início de um trabalho para o reconhecimento e estruturação desta área de conhecimento em nosso país. A informação de que recursos serão concedidos, como e a quem o cidadão brasileiro com deficiência deve recorrer para obter este benefício que lhe é de direito, ainda não é de conhecimento da maioria daqueles que poderiam se beneficiar.

Para que seja possível definir os conceitos de recursos, serviços e estratégias de Tecnologia Assistiva faz-se necessário entender o contexto no qual eles são utilizados. Os recursos de tecnologia assistiva, por exemplo, são organizados ou classificados de acordo com os objetivos funcionais a que se destinam. Eles podem ser classificados como de baixa ou alta tecnologia, dependendo da forma com que são confeccionados, sua complexidade e o seu custo final. É imprescindível que seja realizado um diagnóstico claro e preciso da necessidade do educando para poder planejar e identificar qual o recurso de tecnologia assistiva será mais adequado para atender suas necessidades.

A abrangência do conceito de tecnologia assistiva garante que não se restrinja somente a recursos em sala de aula, mas estende-se a todos os ambientes da escola, propiciando o acesso e a participação efetiva de todos os alunos e durante todo o tempo. As Tecnologias Assistivas são categorizadas de acordo com BERSCH, (2008)

- Auxílios para a vida diária;
- CAA (CSA) Comunicação aumentativa (suplementar) e alternativa;
- Recursos de acesso a informática;
- Sistemas de controle de ambiente;
- Projetos arquitetônicos para acessibilidade;
- Órteses e próteses;
- Adequação Postural;
- Auxílios de mobilidade;
- Auxílios para cegos ou com visão subnormal;
- Auxílios para surdos ou com déficit auditivo;
- Adaptações em veículos;

A importância das classificações no âmbito da tecnologia assistiva se dá pela promoção da organização desta área de conhecimento e servirá ao estudo, pesquisa, desenvolvimento, promoção de políticas públicas, organização de serviços, catalogação e formação de banco de dados para identificação dos recursos mais apropriados ao atendimento de uma necessidade funcional do usuário final.

As Tecnologias Assistivas a serem utilizadas têm que ser analisadas para estarem de acordo com as necessidades individuais de cada aluno. Dessa maneira ela poderá mostrar, de maneira mais clara, o potencial de desenvolvimento e aprendizagem dessas pessoas.

De acordo com Mantoan (2006) para efetivação desta mudança faz-se necessário a aquisição, pelos educadores, de conhecimento sobre o potencial educacional do computador e a certeza de que ele representa uma ferramenta a serviço da educação. Portanto, hoje, mais do nunca, é preciso formar o educador no que diz respeito aos conhecimentos técnicos e ao domínio do computador. Mas sem sombra de dúvida, esta mudança requer a participação de todos os atores da escola.

Damasceno e Galvão Filho (2005) dizem que o computador oferece recursos de acessibilidade, as quais podem ser compreendidos como instrumentos que permitem às pessoas deficientes participarem de atividades que incluem o uso de produtos, serviços e informação, com restrições mínimas possíveis classificadas como categorias: físicas ou órteses, de hardwares e softwares especiais de acessibilidade.

A inclusão educacional de crianças com deficiência é um fato inquestionável. Portanto, o acesso destes alunos a escola é uma realidade e é nosso desafio a eliminar as barreiras e favorecer o desenvolvimento das capacidades de todos. Valdez (2014, p.20) complementa: “Incluir não é o mesmo que integrar. Não basta pensar em uma escola que “integre e normalize” as crianças com necessidades educativas especiais

Algumas ajudas técnicas utilizadas para o uso do computador e da internet em ambiente de aprendizagem, com alunos com necessidades educacionais especiais, tem possibilitado alunos com diferentes graus de comprometimentos motor, sensorial e/ou de comunicação e linguagem a interagir e desenvolver seu potencial, antes bloqueado pela sua limitação e falta de Tecnologia Assistiva para se expressarem.

Para pessoas com deficiência visual, existem os softwares que fazem o computador “falar”, diz Freire, (2000, apud ITS BRASIL, 2008, p.37).

Mesmo os cegos já podem aproveitar sistemas que arranjam a leitura da tela e de arquivos por meio de um alto-falante; teclados específicos que têm pinos metálicos que se elevam aperfeiçoando caracteres sensíveis ao tato e que “explicam” os dados que estão na tela ou que estão sendo digitadas e impressoras que imprimem caracteres em Braille. (FREIRE, 2000, apud ITS BRASIL, 2008, p.37).

O desafio da escola hoje é o de colocar em prática uma pedagogia centrada na criança para isto deve ter como pressuposto, a eliminação de barreiras a estimulação e a criação de ambientes favoráveis ao desenvolvimento de todos para tanto necessitamos de alguns recursos e serão abordados a seguir.

A escola inclusiva busca construir coletivamente uma pedagogia que parte das diferenças dos alunos. Para atender essas diferenças são necessários recursos pedagógicos e de acessibilidade projetados para propiciar a participação ativa do aluno em seu cotidiano escolar.

É imprescindível criar ambientes com recursos utilizados para a estimulação de todos os sentidos: visual, auditivo, tátil, gustativo e olfativo. Esta iniciativa auxiliara a todos os alunos a desenvolverem seus potenciais de aprendizagem. Para esta ação podemos confeccionar ou adquirir recursos de baixa ou alta tecnologia, dependendo dos recursos disponíveis na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação vem passando por um longo processo de transformações durante os anos. De acordo com o estudo realizados e os diversos autores consultados, é possível perceber que educar para uma cidadania global numa sociedade tecnologicamente desenvolvida hoje, mais do que nunca é papel da escola sendo fundamental promover uma visão das principais mudanças nas práticas pedagógicas em sala de aula.

O desafio da escola hoje é o de colocar em prática uma pedagogia centrada na criança para isto deve ter como pressuposto, a eliminação de barreiras a estimulação e a criação de ambientes favoráveis ao desenvolvimento de todos para tanto necessitamos de alguns recursos e serão abordados a seguir.

As tecnologias da informação e comunicação estão presentes em nossas relações cotidianas e não podem ser pensadas, na escola, apenas como uma ferramenta para que o professor apresente determinado conteúdo a seus alunos. As TIC's devem permear o cotidiano escolar, assim como vem permeando as nossas vidas.

O uso da informática vai além da disponibilização de computadores nas escolas, mas requer uma mudança nos modelos tradicionais de ensino começando pela formação continuada dos educadores, os educadores exercem papel fundamental na mudança de conceitos existentes sobre o uso do computador na educação, garantindo as transformações e contribuindo com inovações nas metodologias educacionais.

Assim, as tecnologias tanto servem para reforçar uma visão conservadora, individualista como uma visão progressista. Por outro lado, uma mente aberta, interativa, participativa encontrará nas tecnologias ferramentas maravilhosas de ampliar a interação.

Frente a isso, é importante pensar sobre a necessidade de reuniões frequentes, onde as situações de planejamento efetivamente aconteçam dentro do ambiente escolar. Momentos em que haja trocas e reflexões, e os professores percebam que planejar é uma das ferramentas que contribui para a qualidade de seu trabalho, através da antecipação de ações pedagógicas conscientes e articuladas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGOTTI, J. A. P. **Fragmentos e Totalidades no Conhecimento Científico e no Ensino de Ciências**. Tese de Doutorado. São Paulo, IFUSP/FEUSP, 1999.

BERSCH, R. **Introdução à Tecnologia Assistiva**. Centro Especializado em Desenvolvimento Infantil. Porto Alegre: 2008.

BRASIL, **Lei nº 9.394/1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso: 04. Nov. 2021

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** /Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação Secretaria de Educação Especial. **Recursos Pedagógicos Acessíveis e Comunicação Aumentativa e Alternativa** – Coleção A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar - Brasília – 2010.

BRASIL. Ministério da Educação Secretaria de Educação Especial. **Recursos Pedagógicos Acessíveis e Comunicação Aumentativa e Alternativa** – Coleção A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar - Brasília – 2010.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Educação infantil - saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento**. Elaboração de Rosana Maria Tristão e Ide Borges dos Santos. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

FREIRE, Fernanda **M.P.Educação Especial e recursos da informática; superando anti-gas dicotomias**. Biblioteca Virtual e Textos, PROINFO/MEC, 2000.

GALVÃO FILHO, T. A. **A Tecnologia Assistiva: de que se trata?** In: MACHADO, G. J. C.; SOBRAL, M. N. (Orgs.). *Conexões: educação, comunicação inclusão e interculturalidade*. 1 ed. Porto Alegre: Redes Editora, p. 207-235, 2009.

ITS Brasil – **Instituto de Tecnologia Social – Tecnologia Assitiva nas Escolas – Recursos básicos de acessibilidade sócio-digital para pessoas com deficiência**. São Paulo .2008.

MANTOAN, M.T.E., PRIETO R.G, Valéria Amorim Arantes (org.) – **Inclusão Escolar e Contrapontos** – São Paulo: Summus, 2006.

MANTOAN, M. T. E. **A tecnologia aplicada à educação na perspectiva inclusiva**. mimeo, 2005.

MANZINI, E. J. **Tecnologia assistiva para educação: recursos pedagógicos adaptados**. In: *Ensaio pedagógicos: construindo escolas inclusivas*. Brasília: SEESP/MEC, 2005.

VALENTE. José Armando. **Computadores e conhecimento: repensando a educação**. Capítulo I: Diferentes usos do computador na educação. Campinas. SP. 1998.